



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS
SOCIAIS – DTCS – CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA
HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL - PPGEcoH**



ARTENÍZIA LUIZA DA SILVA PEREIRA

TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA TRUKÁ NO SÉCULO XXI

Juazeiro/Bahia

2024

ARTENÍZIA LUIZA DA SILVA PEREIRA

TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA TRUKÁ NO SÉCULO XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia – Campus III, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Santos.

Coorientador: Prof. Dr. Roberto Remígio Florêncio.

Juazeiro/Bahia

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

P436t

PereiraTruká, Artenízia Luiza da Silva

Territorialidade e identidade étnica Truká no século XXI. / Artenízia Luiza da Silva PereiraTruká. Orientador(a): Carlos Alberto Batista Santos. Coorientador(a): Roberto Remígio Florêncio. Juazeiro, 2024.
105 p : il.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoh, Juazeiro. 2024.

Contém referências, anexos e apêndices.


1. Indígenas no Nordeste. 2. Povo Truká. 3. Territorialidade.
4. Identidade étnica. I. Santos, Carlos Alberto Batista. II. Florêncio, Roberto Remígio. III. Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro. IV. Título.

CDD: 303

FOLHA DE APROVAÇÃO
"TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA TRUKÁ NO SÉCULO XXI"


ARTENIZIA LUIZA DA SILVA PEREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGEcoh, em 14 de dezembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
CARLOS ALBERTO BATISTA DOS SANTOS
Data: 19/12/2024 19:05:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. CARLOS ALBERTO BATISTA SANTOS
UNEB
Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Professor Dr. LEONARDO DIEGO LINS
UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia

 Documento assinado digitalmente
ROBERTO REMÍGIO FLORENCIO
Data: 19/12/2024 19:27:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. ROBERTO REMÍGIO FLORÊNCIO
IFSERTÃOPE
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia

Professora Dr^a EDIVANIA GRANJA DA SILVA OLIVEIRA
IFSERTÃOPE
Doutorado em História Social
Universidade do Estado de São Paulo

DEDICATÓRIA

A minha primeira família, meu pai Deusdete (in memoriam) e minha mãe Luiza que tanto lutaram, grandes professores da disciplina vida e respeito, e que me inspiram a ser essa mulher guerreira, que com força e confiança em Deus, nos encantos de luz e na natureza sagrada, que batalha todos os dias e agradece por cada amanhecer.

A meus filhos Kayky e Kawê, que amo sem medidas, estes me incentivam a ser melhor todos os dias, que aprendem e ensinam sobre o que é amor, os amo.

A meu companheiro, marido, esposo, amigo e amante Herivan, que nas lutas estive ao meu lado, apoiando e dando forças ao meu caminhar, este com quem divido os segredos do meu coração.

A minha rede de apoio, pois sem ela nada seria possível, Carlos, Remígio, Mari, Jeanderson, Tio Zé e Antônia. Estar distante é difícil, mas sem colo é muito pior e estes foram referência em força e apoio.

Ao Povo Truká, nação que me formou pra vida, para os mais diversos enfrentamentos, nossa história se cruza no aprender e no desejo de um mundo melhor.

AGRADECIMENTO

Obrigado Senhor, por mais um dia na tua presença. Gratidão é a palavra que me vem ao peito, ao fim deste trabalho, ao qual me dediquei com todo amor e respeito pelo ato de pesquisar, poder contribuir e da voz ao povo Truká, e a minha natureza sagrada. Um dia um Historiador chamado Certeau, em sua escrita me disse que o papel da profissão ao qual estava envolvido, era preencher lacunas, que ainda não tinha sido preenchidas. Então, eu enquanto professora/historiadora/indígena, só tenho gratidão por escrever dentro da linha etnografia, uma vez que é tempo de contarmos nossas próprias histórias, e que estas sejam postas a prova, afinal este conhecimento só tem a contribuir.

Esta gratidão se estende à minha rede familiar, esposo Herivan, minha mãe Luiza e meus filhos Kayky e Kawê, por ser a base do meu caminhar.

Aos meus orientadores Carlos e Remígio, professores que perpassam as linhas do ensinar; exemplos de ética, inteligência e respeito; não esquecendo de Henrique pessoa linda que encanta a todos que o conhece, obrigado universo por este encontro.

À tio Zé e Antônia, que me receberam em sua casa, me tratando com muito carinho, sempre zelando por minhas necessidades, para estar segura e bem para os estudos, aprendi muito na convivência com vocês; compreensão, doação e amor moram aí.

À Mari, Jeanderson, Cristiana, Clécia, Patrícia, Marília, Damásio e Izomar (me apresentou o espaço escolar) que também fizeram parte de minha rede, sempre dispostos a ajudar, amigos do abraço nas horas de aperto... as vezes não é fácil..., a natureza que me presenteou com essas pessoas lindas, gratidão.

Aos meus/minhas colegas das escolas Indígena Acilon Ciriaco da Luz e ETE Maria Amélia de Souza Araújo, que me abraçaram no ato do aprender, colaborando e dando oportunidades a este sonho.

Aos professores Doutores e Mestres que cruzaram meu caminho trazendo ensinamentos que levo pra vida, suas experiências contribuíram para o amadurecimento da pesquisa e processo de escrita ao qual me dedico.

Ao Povo Truká, lideranças e caciques, ao cacique Bertinho que se prontificou a contribuir no que fosse necessário, para realização desta pesquisa.

EPÍGRAFE

Lá naquela serra, tem uma casinha,
Tão pequenininha à meu Deus,
Tô chegando lá,
Quando eu cheguei lá, o que encontrei,
Foi menininho vestido de caruá.
Eu pedi a ele força e coragem!
E o que ele me deu foi fibra de caruá,
Hô nahêina, hêina,
ô nahêina hôa,
Ô hêina rêiha, reiná
hêina, hêina hôa.

(Toante Truká)

PEREIRA TRUKÁ, Arteniária Luiza da Silva. TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA TRUKÁ NO SÉCULO XXI. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental(PPGEcoH) da Universidade do Estado da Bahia – Campus III, com vista á obtenção do título de Mestre.

RESUMO

Desde o século XVII, o povo Truká vivenciam em seu território lutas e disputas com os chamados de poderosos da cidade, para permanência em seu território, o mesmo atraiu olhares da região por causa de sua fertilidade do solo, da flora e fauna, abundância de água do rio São Francisco, causando uma série de disputas. No século XX, a Igreja Católica entrou na disputa e tornou-se representante legal de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, a quem os indígenas teriam doado as terras na espera de proteção, com o passar do tempo as terras foram vendidas a coronéis e os Truká, precisaram ser fortes para enfrentar as várias situações de negativas e silenciamentos junto aos então poderes públicos para resistência territorial junto as forças encantadas, entrando em um processo de retomadas(lutas para reconquista da terra). A presente pesquisa objetivou analisar aspectos sociais de territorialidade e identidade do povo Truká, na primeira década do século XXI, estabelecendo ligações entre as expressões socioculturais e a construção da territorialidade e identidade deste povo, compreendendo assim, as vivências Truká mediante as relações identitárias pós retomadas. Para tal foi utilizado a técnica de Análise de Conteúdo, baseando-se na pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Após realização da pesquisa verificou-se que a territorialidade e identidade sociocultural Truká se constitui de lutas visíveis e invisíveis, entrelaçadas por redes que apresentam conexões compreendendo, 15,4% de ações coletivas, 14% relações com a terra, 11,6% pertencimento, 10,5% tradições, 10,3% cultura, 8,8% saberes, 7,5% resistência, 6,4% Dinamicidade, 4,9% estratégias de luta, 6% visão religiosa e 4,6% de visão de mundo.

Palavras-Chave: Indígenas do Nordeste; Povo Truká; Territorialidade; Identidade étnica

PEREIRA TRUKÁ, Arteniia Luiza da Silva. TERRITORIALITY AND ETHNIC IDENTITY OF TRUKÁ IN THE 21ST CENTURY. Dissertation presented to the Postgraduate Program in Human Ecology and Socioenvironmental Management (PPGEcoH) of the State University of Bahia - Campus III, with a view to obtaining the title of Master.

ABSTRACT

Since the 17th century, the Truká people have experienced struggles and disputes in their territory with the so-called powerful people of the city, to remain in their territory. It attracted the attention of the region because of its fertile soil, flora and fauna, and abundance of water from the São Francisco River, causing a series of disputes. In the 20th century, the Catholic Church entered the dispute and became the legal representative of Our Lady Queen of Angels, to whom the indigenous people had donated the lands in the hope of protection. Over time, the lands were sold to colonels and the Truká needed to be strong to face the various situations of denial and silencing with the then public authorities for territorial resistance with the enchanted forces, entering into a process of repossessions (struggles to reconquer the land). This research aimed to analyze social aspects of territoriality and identity of the Truká people in the first decade of the 21st century, establishing links between sociocultural expressions and the construction of territoriality and identity of this people, thus understanding Truká experiences through post-reoccupation identity relations. For this purpose, the Content Analysis technique was used, based on pre-analysis, exploration of the material and treatment of the results. After carrying out the research, it was found that Truká territoriality and sociocultural identity are constituted by visible and invisible struggles, intertwined by networks that present connections comprising, 15.4% of collective actions, 14% relations with the land, 11.6% belonging, 10.5% traditions, 10.3% culture, 8.8% knowledge, 7.5% resistance, 6.4% dynamism, 4.9% fighting strategies, 6% religious vision and 4.6% worldview.

Keywords: Indigenous people of the Northeast; Truká people; Territoriality; Ethnic identity

PEREIRA TRUKÁ, Arteniía Luiza da Silva. TERRITORIALIDAD E IDENTIDAD ÉTNICA TRUKÁ EN EL SIGLO XXI. Tesis presentada al Programa de Postgrado en Ecología Humana y Gestión Socioambiental (PPGEcoH) de la Universidad Estadual de Bahía – Campus III, con miras a la obtención del título de Maestría.

RESUMEN

Desde el siglo XVII, el pueblo Truká há vivido luchas y disputas en su territorio con los llamados poderosos de la ciudad, para poder permanecer en su territorio, lo que llamó la atención de la región por la fertilidad de sus suelos, flora y fauna. abundancia de agua del río São Francisco, provocando una serie de disputas. En el siglo XX, la Iglesia Católica entró en la disputa y se convirtió en representante legal de Nuestra Señora Reina de los Ángeles, a quien los indígenas habrían donado las tierras con la esperanza de protección. Con el tiempo, las tierras fueron vendidas a coroneles y al pueblo. Truká, necesitaban ser fuertes para afrontar las diversas situaciones de negación y silenciamiento por parte de los entonces poderes públicos para la resistencia territorial junto a las fuerzas encantadas, entrando en un proceso de recuperación (luchas por recuperar la tierra). La presente investigación tuvo como objetivo analizar aspectos sociales de la territorialidad e identidad del pueblo Truká, en la primera década del siglo XXI, estableciendo vínculos entre las expresiones socioculturales y la construcción de territorialidad e identidad de este pueblo, comprendiendo así las experiencias Truká a través de la post-reanudación. relaciones de identidad. Para ello se utilizó la técnica de Análisis de Contenido, basada en el preanálisis, la exploración del material y el tratamiento de resultados. Luego de realizar la investigación, se encontró que la territorialidad e identidad sociocultural Truká está conformada por luchas visibles e invisibles, entrelazadas por redes que presentan conexiones comprendiendo, 15.4% acciones colectivas, 14% relaciones con la tierra, 11.6% pertenencia, 10.5% tradiciones, 10,3% cultura, 8,8% conocimientos, 7,5% resistencia, 6,4% Dinamismo, 4,9% lucha, 6% visión religiosa y 4,6% visión del mundo.

Palabras clave: Pueblos indígenas del Nordeste; Pueblo Truká; Territorialidad; Identidad étnica

Sumário

INTRODUÇÃO GERAL	16
REFERENCIAL TEÓRICO	20
Indígenas no cenário nacional.....	20
Emergência étnica no Nordeste	22
Territorialidade: Um pouco da História Truká	25
METODOLOGIA.....	29
Procedimentos metodológicos	29
Análise de dados.....	30
Aspectos éticos e legais.....	31
CAPÍTULO 1	32
RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA TRUKÁ: ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	32
Introdução	33
Material e método.....	34
Resultados e Discussões	35
Considerações Finais.....	47
Referências	48
CAPÍTULO 2	50
GESTÃO SOCIOAMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE TERRITORIAL TRUKÁ: dinâmicas de transmissão cultural em evidência	50
Introdução	51
Material e método.....	53
Resultados e Discussões	54
Considerações Finais.....	60
Referências	61
CAPÍTULO 3	64
TRUKÁ: IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA NA ILHA DA ASSUNÇÃO.	64
Introdução	66
Material e método.....	71
Resultados e Discussões	73
Considerações Finais.....	86
Referências	88
RESULTADO E DISCUSSÃO GERAL DA DISSERTAÇÃO	90

CONSIDERAÇÕES GERAIS DA DISSERTAÇÃO.....	101
REFERÊNCIAS.....	104

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, intitulado **Territorialidade e identidade étnica Truká no século XXI, Ilha da Assunção** é de natureza qualitativa, sendo requisito avaliativo para obtenção do título de Mestre do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH) na Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Campus III, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DTCS, Juazeiro-BA. Essa pesquisa pelo programa de submissão e aprovação junto ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia. Foi concedida a aprovação, identificada pelo parecer n.º 5.537.368. Esta pesquisa torna-se relevante no âmbito acadêmico por abordar estudos, reflexões e resultados que permitem, primeiro, uma releitura da história Truká e sua territorialidade, trazendo uma problematização acerca da construção dos aspectos sociais envolvidos e suas manifestações socioculturais. Tendo como objetivo geral, analisar aspectos sociais de territorialidade e identidade do povo Truká, na primeira década do século XXI, estabelecendo ligações entre as expressões socioculturais e a construção da territorialidade e identidade deste povo, compreendendo assim, as vivências Truká mediante as relações identitárias pós retomadas.

A estrutura geral desta dissertação, por sua vez, está organizada em capítulos, de acordo com as diretrizes de escrita do PPGEcoH. O primeiro artigo é uma revisão narrativa intitulada, **Reconstrução histórica Truká: Estudo de Revisão bibliográfica**. Esta possibilita analisar os aspectos sociais de territorialidade, trata-se de uma pesquisa exploratória, com procedimentos bibliográficos e abordagem qualitativa, verificando que as retomadas territoriais foram fundamentais na construção da territorialidade Truká e que manifestações socioculturais emergem como forma coletiva de proteção ao espaço reconquistado. O segundo, intitulado **Gestão socioambiental e sustentabilidade territorial Truká: Dinâmicas socioculturais em evidência**, busca compreender como ocorre o processo de gestão socioambiental e sustentabilidade no território Truká, bem como as dinâmicas socioculturais existentes. Para isso foi realizado um estudo bibliográfico de artigos com busca no *Google Acadêmico*, possibilitando a elaboração de quadro referente a

sustentabilidade Truká. Verificando que a gestão socioambiental no território é de suma importância para a afirmação étnica deste povo e nas relações com a Natureza que os cerca, e que a socialização evidenciando os bons tratos à Mãe Terra e as mobilizações pela proteção do ambiente onde habitam, são fundamentais para os indígenas. O terceiro artigo: **Truká: Identidade, Cultura e Resistência na Ilha de Assunção**, objetivando compreender as vivências Truká mediante as relações identitárias pós retomadas. Esta foi desenvolvida com base na análise do *corpus*, a transcrição das entrevistas organizadas mediante procedimentos baseados em noções, temas e categorias previamente definidos, desenvolvido pela análise de conteúdo de acordo com a fundamentação de Bardin (2016), a partir da categorização, inferência, descrição e interpretação dos dados, dentre as narrativas das lutas, retomadas, cultura, sentimentos de pertencimento e identidade dos entrevistados (Bardin,2016),

PROPOSIÇÃO

Este estudo propõe analisar aspectos sociais de territorialidade e identidade do povo Truká, na primeira década do século XXI, estabelecendo ligações entre as expressões socioculturais e a construção da territorialidade e identidade deste povo, compreendendo assim, as vivências Truká mediante as relações identitárias pós retomadas do Território. A pesquisa buscou conhecer as dinâmicas (sociais, políticas e culturais) de territorialidade e identidade étnica no povo Truká, e com isso proporcionar novas experiências de leituras e pesquisa nas escolas do povo, servindo como base para o fortalecimento cultural, manutenção das reflexões sobre o usufruto e conservação do habitat natural Truká e sua gestão socioambiental.

INTRODUÇÃO

Conhecer outras culturas, modos de vida e construção de ambientes de vivência e convivência, são fundamentais para construção de uma sociedade justa, igualitária e diversa, constituindo-se num passo importante para construção de um território saudável para todos.

Segundo Santos (2009), a palavra território provem de uma construção conceitual da palavra espaço físico, algo que já existe e que passa por modificações, sendo este transformados por redes, circuitos e fluxos, definido como uma porção da superfície terrestre, que apropriada por um grupo visando assegurar sua reprodução e satisfação de suas necessidades vitais convivem, e estabelecem sua territorialidade.

O conceito de territorialidade foi utilizado na área das ciências naturais, onde a partir da observação da conduta adotada por um organismo para tomar posse de um território e defende-lo contra os membros de sua própria espécie. Com o passar do tempo as dinâmicas sociais baseadas nas questões fundiárias no Brasil, traz a Antropologia a discutir sobre a territorialidade, permitindo a compreensão sobre diversos grupos sociais (Santos, 2009; Little, 2004).

Casimir (1992) e Little (2004) atestam que territorialidade é uma força latente em qualquer grupo, cuja manifestação explícita depende de contingências históricas.

Little (2004) define territorialidade como um esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território (Little, 2004).

Neste contexto, Saquet e Briskievicz (2009), afirmam que os símbolos que compõem uma identidade não são totalmente eventuais, mantendo sempre determinados vínculos com a realidade concreta (Saquet; Briskievicz, 2009) abrindo espaço, a busca ativa de outros entendimentos e questões.

Almeida (2004) destaca que os movimentos sociais após o advento da Constituição Federal 1988, foram fundamentais para emergência de uma diversidade de agrupamentos que ancoram processos de territorialização, e envolvem correlação com a desterritorialização e reterritorialização revestida na sigla T-D-R (Almeida, 2004; Saquet; Briskievicz, 2009).

O povo Truká, habita o território da Assunção há mais de três séculos, o

mesmo passou por períodos de grandes batalhas e lutas pela garantia territorial, uma vez que devido ao seu grande potencial fértil para produção, atraiu o desejo de fazendeiros e criadores de gado da então cidade de Cabrobó, nascendo assim um cenário de conflito territorial, no submédio São Francisco (Truká, 2007).

Segundo Florêncio (2020), as práticas religiosas Truká fazem parte de um aspecto que envolve sua territorialidade, estando presente no coletivo consciente do povo ao qual define como território emocional. A territorialidade linguística, acontece na luta histórica e contra perda da língua (Dzubukuá) que se resguarda nos cânticos tradicionais.

Historicamente o povo indígena Truká habitam a Ilha de Assunção, chamado de Aldeia Mãe, vivem em seu território, onde realizam suas danças, as pinturas corporais, o fazer escola, a juventude, seus movimentos internos e externos.

Segundo Monteiro (1995), a extinção dos índios, tantas vezes prognosticada, é negada enfaticamente pela capacidade das sociedades nativas, em sobreviver aos mais hediondos atentados contra a sua existência. Recuperar os múltiplos processos de interação entre essas sociedades e as populações que surgem a partir da colonização europeia, processo esses que vão muito além do contato inicial e dizimação subsequente dos índios apresentando-se como tarefa, é essencial para uma historiografia que busca desvencilhar – se de esquemas excessivamente deterministas. Com isso, páginas inteiras da história do país serão reescritas e no futuro para os indígenas reservar-se-á um espaço mais equilibrado e, quem sabe, otimista.

Para além disso, faz-se necessário sistematizar saberes, e formas particulares de ser e estar no mundo, sobre isso Florêncio (2021) é enfático ao dizer que:

Mais que tudo, este meu empenho em deixar tal registro contextual do povo Truká e de sua escola intercultural, é um exercício para o autoconhecimento de quem somos, de nossa descendência e de nossa responsabilidade para com o outro, para com o meio, para o futuro.

Os Truká, que residem na Ilha da Assunção, Médio São Francisco, entre os Estados da Bahia e Pernambuco, são estudados por autores, que escrevem sobre sua existência (história, cultura, sociedade e economia), em vários

períodos do tempo, desde o colonial até o contemporâneo, contribuindo com a construção da historiografia deste a exemplo de Batista (2005), Santos (2016), Florêncio (2020), Barboza e Santos (2020) e Pereira et al (2023).

No entanto, a história Truká assim como as histórias dos povos indígenas no Brasil, precisam ser contadas a partir dos seus protagonistas. Estes a partir das suas vivências apresentam através de seus próprios olhares versões de vidas que se afirmam e que questionam as versões postas pelos colonizadores, missionários e estudiosos baseados no pensamento eurocêntrico colonial.

Santos (2018) afirma em seus estudos que os Truká possuem mais de trezentos anos de histórias, são mais de três movimentos de retomadas de terras para terem seu território em suas mãos, movimentos que tiveram sua culminância e destaque no início do século XXI.

Neste contexto social, esta pesquisa buscou evidenciar as questões de territorialidade e identidade ao fim dos processos de retomadas no território Truká Cabrobó e a percepção do povo com as recentes conquistas. São várias as inquietações que por se só refletem a necessidade e importância desta, não tão somente aos Truká, mais como a toda a história brasileira que merece ter registros de vida dos filhos que gerou.

O estudo propôs análises sobre aspectos sociais de territorialidade e identidade do povo Truká, na primeira década do século XXI estabelecendo ligações entre as expressões socioculturais e a construção da territorialidade e identidade deste povo, compreendendo assim, as vivências Truká mediante as relações identitárias pós retomadas, analisando as percepções de territorialidade.

No contexto identitário dos povos indígenas no Brasil, no Nordeste e especificamente a respeito da identidade Truká na contemporaneidade, mergulhou-se nos escritos de Lévi-Strauss (1945), Stuart Hall (1990, 2006), Silva (2008), Taylor e Viveiro de Castro (2019), Truká (2007) e nas falas Truká em meio as entrevistas desejando compreender como a identidade se dá no meio social e como vem se construindo ao longo do tempo, pontos necessários para o entendimento da questão: Qual a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus territórios? Assim, a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), poderemos analisar as falas das lideranças e compreender as vivências Truká e suas relações identitárias pós retomadas.

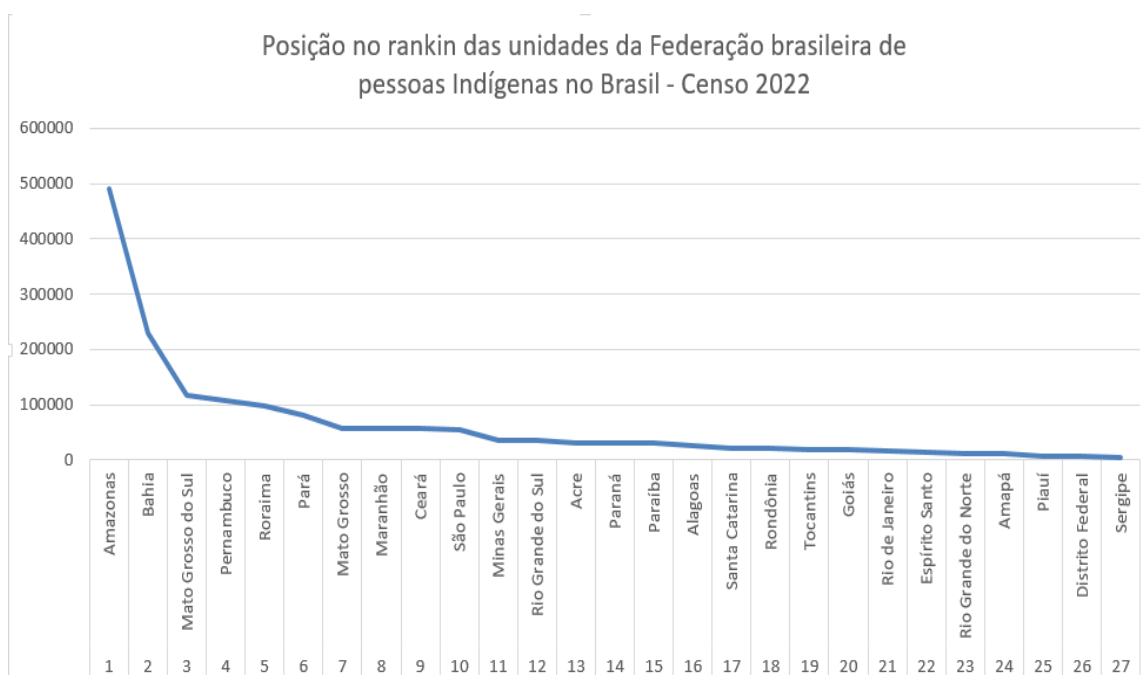
Com isso buscou exercitar reflexões a respeito de questões norteadoras deste estudo: Que movimentos marcaram o sentido de pertencimento ao território de Assunção pelo povo Truká? Qual a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus territórios? Como é percebido o sentido de territorialidade e identidade pelo povo? O sentimento identitário está presente e resguardado para as futuras gerações, uma vez que as terras estariam em seus domínios? Partimos da Hipótese que o Povo Truká da Ilha de Assunção em Cabrobó, Pernambuco, ressignificando seu sentimento de pertencimento e fortaleceu sua identidade a partir das lutas para retomada de seu território físico e simbólico: a Aldeia Mãe na Ilha de Assunção.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Indígenas no cenário nacional

O censo 2022 aponta que demograficamente o Brasil possui uma população de 203.080.756 pessoas residentes, sendo 1.694.836 pessoas indígenas autodeclaradas, com um percentual de 0,83% com relação ao número total de residentes, localizados em todas as regiões brasileiras (Figura 1), com destaque para o crescente número de pessoas nos Estados de Amazonas, Bahia, Mato Grosso do Sul e Pernambuco com mais de 100 mil indígenas, sendo estes possuidores de uma multiplicidade de conhecimentos ancestrais relevantes a cultura global, levando em consideração suas relações de vivências originárias de pertencimento em meio a lutas e resistências que insistem de 1500 até a chamada contemporaneidade.

Figura 1: Posição no ranking das Unidades da Federação brasileira de pessoas indígenas autodeclaradas no Brasil - Censo 2022.



Fonte: IBGE, 2022

As sociedades indígenas historicamente foram e continuam sendo vistos por outros atores como seres incompletos, de vivências invalidadas ou conhecimentos não passíveis de reconhecimento, tais julgamentos surgem no cenário que envolve a construção de um mundo, que para acontecer precisa “anular o mundo do outro” e seus entendimentos. No século XV a Europa vivia em meio a grandes transformações econômicas e políticas. Esse período foi marcado pelo nascimento da burguesia e surgimento do então capitalismo comercial; essa mesma dinâmica era levada a outros povos sendo cômodo e eficaz, porém resistir a estas práticas foi essencialmente importante para as novas dinâmicas dos povos originários (Oliveira 2011, Maldi, 1998).

Quando era prudente ao olhar dos estadistas portugueses os caciques indígenas foram vistos como iguais, pois estes estavam servindo para o combate aos inimigos, em outros momentos para que fosse justificado a tomada das terras indígenas, estes “não tinham rei, não tinham lei, nem fé”, discurso que estimulou os etnocídios escancarados nos territórios ameríndios, africanos e asiáticos nos séculos seguintes (Maldi, 1998).

A resistência indígena acontece com base no respeito a terra e a mãe natureza (Oliveira, 2011); as dinâmicas de resistência relaciona-se com as formas de organizações político-sociais que envolve colaboração e coletividade entre diferentes povos originários existentes no Brasil e em várias partes do mundo, devido ao auxílio de novas formas de comunicações nos dias atuais, um dos eventos que ganha destaque é o Acampamento Terra Livre (ATL), Brasília (DF), onde acontece a Assembleia Nacional Indígena, espaços onde os mesmos debatem e direcionam os posicionamentos políticos a respeito das necessidades de suas comunidades dentro de suas especificidades; a contemporaneidade ainda precisa compreender como esses povos que lutam pela manutenção de suas culturas e projetos de vidas tendo como marco a vivência coletiva e o respeito a natureza, na dedicação e cuidado aos seus territórios.

Neste contexto Maldi (1998), pondera que a noção de territorialidade indígena no século XIX nasce das criações sociais ocidentais, ignorando as manifestações e as relações existentes (Maldi, 1998). Compreender a formulação e os conceitos envolvidos no olhar sobre o outro, é necessário para que as representações à respeito dos universos multiculturais postos se

sobressaiam, justificando assim a importância da discursão com base na territorialidade e seus autores.

O projeto de invisibilidade aos povos indígenas, é um projeto desde o período colonial até o Estado Republicano, da educação praticada pelos missionários nos aldeamentos ao atual sistema de ensino—baseada em ideologias que esconde e tenta apagar as histórias e diversidades destes povos, a ideologia de que só é indígena quando manteve sua língua originária é um exemplo das ferramentas usadas contra esses povos, porém suas identidades vão além desta prerrogativa (Maher, 2012).

A luta indígena é um fenômeno mundial pela autodeterminação, ocorrido final da década de 1980 (Pádua, 2008), que aponta uma relação inteiramente nova entre povos indígenas, a sociedade nacional e o sistema internacional, dando mostras do envolvimento ativo e no campo interétnico, no sentido de controlar as forças da transformação histórica, surgindo novas dinâmicas, envolvendo tentativas, conscientes e organizadas, de reavivar ou perpetuar aspectos de sua cultura, apresentando assim, modos variados de marcar e auto definir suas identidades. E ainda complementa afirmando que a invenção da tradição e a valorização simbólica da identificação com as origens, tornam-se cada vez mais presentes, mesmo diante do amplo movimento das populações, demonstrando que se trata de uma dinâmica de distinção cultural, e, ao mesmo tempo, um poderoso símbolo unificador e gerador de novas solidariedades e espaços de ensinamentos e aprendizagens múltiplas (Pádua, 2008).

1.2 Emergência étnica no Nordeste

Compreender os indígenas no nordeste perpassa pelo entendimento dos processos da busca pela defesa da identidade indígena destes povos, uma vez que para consolidação de uma política exploratória e genocida, a invisibilidade foi fortalecida em seus amplos sentidos, o Estado brasileiro tentou de várias formas negar o direito destes povos a seus territórios, sendo estes forçados a situações que vão desde expulsão de seus territórios a criações de leis para justificar tais atrocidades, a esse exemplo no século XVIII foi promulgado a criação do Diretório dos Índios, sob comando do então ministro Marquês de Pombal, com regras e normas para a região do Grão-Pará, e dois anos depois o

Governo de Pernambuco criou a Direção contendo todas as regras do Diretório: incentivando casamentos interétnico, um não- indígena que casasse com uma indígena ganharia um lote de terra – ocorreu uma corrida para esses casamentos; Proibição de falar línguas indígenas, obrigados a falar português, renomeação e vilas para nomes de cidades ou outras referências portuguesas, bem como a retirada dos padres da administração dos aldeamento que seriam geridos por civis e outras medidas (Oliveira 2011, Carvalho 2018). No século XIX a Lei de Terras 1850¹ traz algumas referências aos indígenas no Art. 12, o Governo reservará das terras devolutas as que julgar necessárias, para 1º para a colonização dos indígenas, 2º para a fundação de povoações, abertura de estradas e quaisquer outras servidões e assento de estabelecimentos públicos, e em 3º, para a construção naval. Tudo isso com o claro intuito de integração a sociedade, como mão de obras nos serviços públicos, e outras manobras no processo de estabelecimento do Estado e seu poder, sobre os indígenas.

A respeito da identidade dos povos indígenas no Nordeste é necessário o entendimento da luta a partir perspectiva do território, pois este fator considerado é indispensável à sua integridade física e sociocultural, sendo entendido como dimensão espacial legítima de laços e representações, onde o território físico é ligado ao ambiente físico e ao ambiente cosmológicos, morada sagrada de seus ancestrais de sua biodiversidade, definindo assim a importância da dimensão territorial no engendramento da identidade étnica, e no sistema de suas relações sociais, demarcando neste ponto as especificidades dos povos indígenas no Nordeste do Brasil (Carvalho 2018)

A relação língua-identidade, ao contrário de muitos que, equivocadamente, acreditam que as línguas indígenas funcionam como depositórios ontológicos de identidades e que, portanto, as identidades indígenas só podem ser veiculadas através dessas línguas, esquecendo que o ser indígena se encaminha por outros aspectos, argumentando que a construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma: é o discurso, isto é, a linguagem em uso, e não qualquer materialidade linguística específica, quem cria e faz circular o sentido de “ser índio” , ou seja as dinâmicas e manifestações outras interagem neste entendimento e construção(Maher, 2012).

¹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm.

As movimentações territoriais indígenas e a luta em defesa do território surgiu frente ao expansionismo europeu, revoltas indígenas marcaram o período colonial do Brasil, agravadas com uma Ordem Régia de 29/04/1654, na qual o imperador João IV, doou sesmarias aos soldados que lutassem na Guerra da Restauração contra os holandeses, neste contexto Francisco Dias de Ávila e Afonso Domingo Sertão (Cunha,1992), se beneficiaram com grandes lavras de terras, ao mesmo tempo iniciou-se grandes confrontos (“Guerra dos Bárbaros”) entre os europeus e indígenas Janduí nos sertões de Rodelas na Bahia e de grupos diversos povos no Piauí, Ceará e em Pernambuco (Carvalho, 2018); neste processo e com a perda das guerras, foram submetidos aos aldeamentos sob a administração dos missionários, o aldeamento da Assunção localização dos Truká, esteve aos cuidados de Capuchinhos Franceses, neste momento faziam parte da Nação Kariri (Cunha, 1992).

No século XIX, levantes indígenas ecoam onde aldeados criam outras formas de lutas estas incorporadas nas petições e em caminhadas até a antiga Capital do Brasil, Rio de Janeiro, despontando a respeito dos abusos e invasões territoriais existentes (Cunha, 1992), embasadas na política de Pombal, o estimulava o casamento interétnico visando o pagamento cultural dos povos e assim garantisse a integração dos indígenas e seus territórios a “sociedade civilizada”.

No século XX as “guerras contra a invisibilidade” se fortalece na emergência de várias etnias no Nordeste, com base na reivindicação de seus direitos e principalmente do território visto como espaço sagrado, iniciando as Retomadas das terras perdidas nos embates ao longo do tempo (Oliveira, 2011), necessárias a suas vivências religiosas, culturais, sociais, econômicas e políticas, aguerridos de suas ancestralidades e o bem comum (Truká, 2007).

A relação do indígena no Nordeste com a terra nas bases da configuração entre o passado e o futuro da nação, apoia-se também ao chamado da religião, o toré (manifestação religiosa em forma de dança e cânticos), onde os muitos povos buscam suas interações cosmológicas e significados para fortalecimento identitário e a continuidade com o “encantado” seres espirituais invisíveis que fazem parte da ligação destes com seus ancestrais, guardiões de suas sabedorias, protetores de seus territórios (Truká,2007).

Carvalho (2018) aponta que o ritual denota um aspecto comunicativo dos

comportamentos culturalmente definidos, servindo como reafirmador dos diferentes status da estrutura de relações sociais, lembrando e reassegurando a posição de cada membro em relação aos outros e ao sistema maior, invocam poder e pertence, salientando que ao realizarem o Toré, ou o Praia, os povos indígenas no Nordeste tentam alterar o estado do mundo, interagindo com — o tempo dos antigos — buscando reassegurá-lo mediante a efetiva posse do território, os rituais, expressam assim, o sentido pleno da “ comunidade indígena” que produz e se reproduz na mesma terra dos antepassados e reafirmam a sua disposição de lutar pela sua preservação, gestão para subsistência ou retomada, com coragem e empenho, dos “ antigos” . Tais tradições são passadas pelos mais velhos e os cuidadores da ciência os “mestres”, neste cenário a terra se configura com espaço dinâmico e fundamental para o uso, tradições e costumes destes povos (Carvalho 2018).

1.3 Territorialidade: Um pouco da História Truká

Viver em concordância com a natureza e o meio ambiente tem sido a luta da sociedade brasileira de seus povos tradicionais, uma vez que estes tem contribuído significativamente para este fim, em leituras sobre o povo Truká percebe-se sua ligação com o meio que o cerca, o rio é aclamado por estes e a caatinga é vista como mata sagrada.

A sociedade Truká é marcada pela luta e defesa de seu território, desde a colonização seus antepassados que não aceitaram a invasão de suas terras, durante séculos o enfrentamento e os embates territoriais na Ilha da Assunção foram relatadas em cartas e escritos. O que chamava a atenção dos invasores seriam a fertilidade das terras Truká, que foram altamente devastadas neste processo e a presença do Rio São Francisco em seu entorno (Truká, 2007; Santos, 2016).

A história nacional também é testemunha dos arranjos legislativos e das políticas feitas para que os indígenas tivessem suas terras violentadas, como exemplo temos a Lei de terras de 1850, e decretos adicionais determinavam que as terras que eventualmente não fossem mais habitadas por indígenas estariam à disposição dos interesses da união, o que incentivou a expulsão de vários povos de suas terras, colocando-os em muitas dificuldades. Nos séculos

seguintes movimentos sociais pela reconquista territorial, foram retomadas (Oliveira, 1998).

Cinco foram as retomadas Truká para garantir que o território voltasse para suas mãos tendo cada uma sua importância.

Para que isso fosse possível o fortalecimento étnico passou por muitas trilhas, com reuniões as escondidas, viagens a outros povos, viagens ao Rio de Janeiro (Capital do país na época do SPI- Serviço de Proteção ao Índio), e a persistência da força ancestral no poder do encantado (Seres que fazem parte da cosmologia indígena) que contribuíram com ensinamentos para que a luta pela terra acontecesse de maneira correta.

Segundo Truká (2007), até mesmo o governo do Estado na década de 60 invadiu e ocupou suas terras, como as firmas CRC- Companhia de Revenda e Colonização e a SEMEMPE- Companhia de Sementes e Mudanças de Pernambuco, a partir dos enfrentamentos com os indígenas nas décadas posteriores as empresas foram abandonadas.

E mais uma vez, foi necessário forças, trabalhar com os Encantados e a geração dos filhos, filhas, netos e netas se uniram aos anciãos e desencadearam o processo de luta que resultou na reconquista de todo o nosso território (Truká, 2007, p. 30).

A luta em defesa do território Truká, perpassa os viés históricos e encontra laços que envolve a religião e a natureza, o cuidado com o rio permeia este contexto, grandes projetos desenvolvimentista do território brasileiro tem colocado os Truká em combate uma vez que tendem a ameaçar a vida do São Francisco.

Nomeado pelo Governo Brasileiro como Projeto de Integração do Rio São Francisco, esse empreendimento visa a construção de mais de 700 quilômetros de canais de concreto tendo dois eixos (Norte e Leste), cortando os Estados de PE, PB, CE e RN, o Eixo Norte corta o território Truká que se localiza fora da Ilha, este projeto teve um orçamento de mais de 8,2 bilhões, os indígenas contestam o projeto por não terem exercido o poder de escuta a respeito de sua implantação, alegando a falta de respeito ao trato necessário a saúde do Rio, que agravado promoveria impactos as vidas Truká.

Os processos de retomadas das terras Truká foram essenciais para sua sobrevivência física, e quem sabe identitária, tendo suas terras desejadas pelo

bispo de Pesqueira na época, pelo Estado por meio das firmas implantadas (SEMEMP por anos refém da vontade da Igreja ao qual doaram as terras por intermédio \CRC), com estruturas que ainda podem ser visualizadas no povo, ou por fazendeiros\posseiros que de alguma forma conseguiram ter tais terras em seu poder.

A terra é um aspecto importante na formação do aldeamento, do povoado e da sagrado Vila da Assunção. Por mais de 200 anos, o povo Truká travou inúmeros com bates pela propriedade da terra, enfrentando diversas ameaças, mortes e atentados, o que provocou também disputas faccionais e grande instabilidade interna (Santos, 2014, p. 134).

Como mencionado o território Truká é visto com grande apreço por estes que o habita, abrindo portas para investigação sobre suas práticas e crenças, de grande contribuição compreensão da relação homem e o seu meio, tendo como ponto de partida, o apego ao seu território e ambiente.

Pouco se fala em territorialidade nas perspectivas indígenas, tendo neste dilema um desafio a ser conduzido; pretendendo separar o termo territorialização de territorialidade, fazendo uso da interdisciplinaridade e ouvidoria em campo para tal feito.

A territorialidade humana tem sido trabalhada na Antropologia para atender o conhecimento da espécie que em busca da proteção de seu território luta incansavelmente, por um espaço onde de forma coletiva com seus iguais se representem e comunguem de uma mesma crença (Little, 2004).

Segundo Little (2004), com o uso da Cosmografia é possível perceber as relações dentre uma ótica voltada aos saberes ambientais, ideologias e identidades coletivamente criadas e historicamente situados – que um grupo social utiliza para estabelecer seu território e com isso sua territorialidade.

Territorialização segundo Oliveira (2014), seria o movimento pelo qual um objeto político administrativo nas colônias brasileiras seria uma coletividade organizada formulando uma identidade própria instituindo mecanismo de tomada de decisão e de representação e reestruturando as formas culturais inclusive as que relacionam com o meio ambiente e com o universo religioso (Oliveira, 1998).

Outra proposta busca-se compreender, a encruzilhada das identidades apontadas por Medeiros (2007) que de maneira muito inteligente, percebe as relações de várias culturas em uma mesma esfera.

Encontramos casos interessantes de familiares bem próximos aos líderes dos movimentos de consciência negra e moradores e atuantes no local que receberam o documento de identidade indígena da FUNAI. Estes nos declararam que seus parentes membros do movimento negro oculta o documento que também receberam. Escutamos, igualmente, referências sobre uma insistência, partida da mesma liderança, no sentido de que seus parentes não mais subam a Serra do Umã ir para dançar o Toré (Medeiros, 2007, p.208).

As manifestações identitárias podem ser analisadas por vários ângulos à medida em que as lentes se movem e vão sendo criadas possibilidades de pesquisa e interpretação a respeito do tema, servindo para colaborar de maneira eficiente com tais dinâmicas e apontamentos descritos nos objetivos deste. Os estudos que abrangem às vivências Truká se dão no campo da representatividade do grupo a partir da literatura estudada, nos trabalhos dos pesquisadores Batista (2005), Santos (2016), Barbosa e Santos (2018), Florêncio (2020), Pereira *et al* (2023) e do próprio povo (Truká, 2007), que, em seus textos, evidenciam o cotidiano Truká e suas relações político-sociais e ambientais.

Tal trabalho torna-se imprescindível para elucidar inquietações que precisam ser analisadas e confrontadas, e ao tempo deseja fazer ligações entre o tempo e o espaço que convive o povo indígena Truká e suas manifestações culturais.

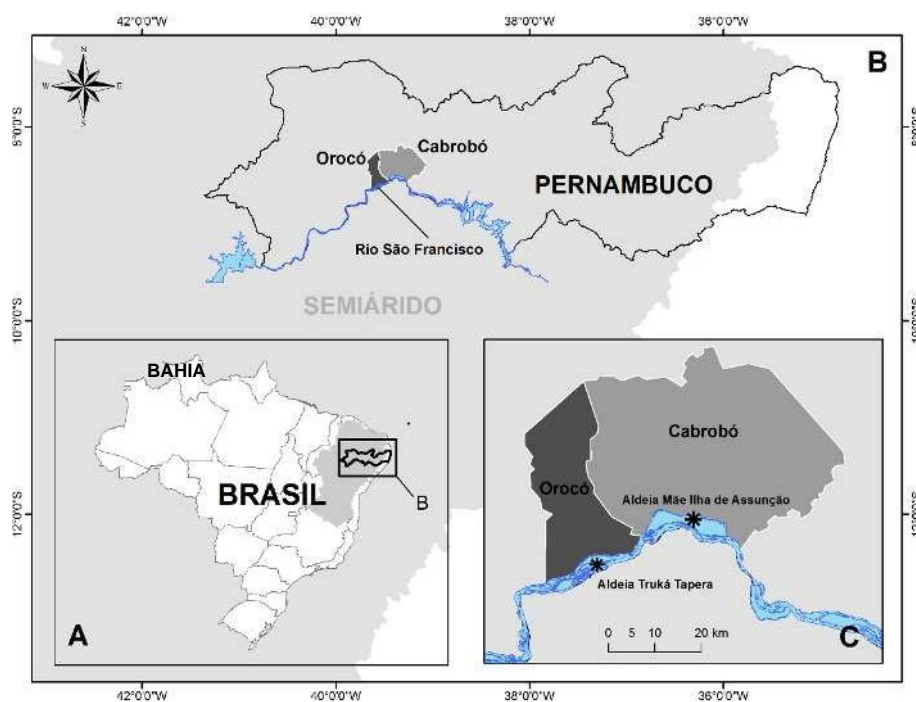
Seria o pensamento territorialidade mais uma contribuição dos povos indígenas para a sociedade humana planetária? seríamos mais felizes tendo amor pelo que possuímos, a nossa terra mãe?

2 METODOLOGIA

2.1 Área de Estudo

Este estudo foi desenvolvido nas terras indígenas ocupadas pela etnia Truká, povo indígena residente na Ilha da Assunção (Figura 2), Cabrobó/PE,

Figura 2: Localização da Ilha de Assunção, Aldeia Mãe do Povo Truká



Fonte: Santos e Alves (2016)

2.2 Procedimentos metodológicos

Antes de iniciar o processo de coleta de dados, o presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. A amostragem será não-aleatória intencional, na qual será pré-definidos os entrevistados (Albuquerque et al, 2014). Foram entrevistados professores e lideranças das aldeias na Ilha de Assunção, maiores de 18 anos.

As informações foram obtidas através de entrevistas livres e conversas informais (Huntington, 2000). Antes de cada entrevistas foi explicada a natureza e os objetivos da pesquisa e solicitada à permissão aos entrevistados para registrar as informações através da apresentação e assinatura do termo de

consentimento livre e esclarecido (TCLE). Quando permitido pelos informantes as entrevistas foram gravadas.

As questões da entrevista abordavam a história Truká, retomadas, sentimento de pertencimento e identidade Truká. Também questões socioculturais que permitiram compreender as vivências dos entrevistados, fornecendo subsídios para verificarmos a elaboração da territorialidade Truká e suas manifestações, renovações e dinâmicas nos espaços de construção e de conhecimento do povo.

Aplicou-se a técnica da entrevista narrativa como base da coleta de informações, visto que busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências. O emprego das entrevistas narrativas justifica-se também porque, por meio delas, podemos compreender a relação entre indivíduo e estrutura e o esquema conceitual construído de maneira significativa pelos sujeitos aos relatarem suas experiências e trajetórias (Weller; Zardo,2013).

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), na entrevista narrativa os entrevistados devem se sentir encorajados a falar livremente. Para isso, há uma questão orientadora geral, ou seja, uma questão inicial, que aborde algo de sua vivência, de seu dia a dia, que o motive a falar naturalmente sua trajetória de vida, por exemplo.

Para investigar a percepção dos entrevistados sobre as retomadas e identidade foi utilizada a técnica da linha do tempo, quando os questionamentos sobre as mudanças que ocorreram na organização social e as representações locais sobre as lutas e avanços adquiridos.

2.3 Análise de dados

A partir da análise do *corpus*, a transcrição das entrevistas organizadas mediante procedimentos baseados em noções, temas e categorias previamente definidos, desenvolvido pela análise de conteúdo fundamentada por Bardin (2016), a partir da categorização, inferência, descrição e interpretação dos dados, tendo como bússola orientadora as narrativas das lutas, retomadas, cultura, sentimentos de pertencimento e identidade dos informantes (Bardin,

2016).

Esses procedimentos, seguiram a sequência: a) separação do material a ser analisado em partes; b) distribuição as partes em categorias; c) descrição dos resultados da categorização; d) inferências dos resultados; e) interpretação dos dados obtidos com o auxílio da fundamentação teórica adotada que se alia à organização dos tópicos da análise pelo agrupamento temático.

2.4 Aspectos éticos e legais

Em respeito aos direitos de propriedade intelectual, foram apresentados os objetivos da pesquisa ao início de cada entrevista quando foi solicitada a permissão dos entrevistados para registrar as informações através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e do termo de autorização para o uso de imagem

CAPÍTULO 1

RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA TRUKÁ: ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

*Artigo Aceito para publicação no Congresso Internacional dos Povos Indígenas
América – Roraima*

Artenizia Luiza da Silva Pereira – Artenizia Truká

Discente de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro, Bahia, Brasil. Orcid:<https://orcid.org/0000-000238052901>. Email: artenizialuizadaspereira@gmail.com

Roberto Remígio Florêncio

Dr. em Educação. Docente do Instituto Federal de Educação Sertão Pernambucano (IFSERTÃO), campus Petrolina Zona Rural. Pernambuco, Brasil. Ocid.: <https://orcid.org/0000-0003-3590-9022> E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

Carlos Alberto Batista Santos

Dr. em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Juazeiro, Bahia, Brasil). Ocid.: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>. E-mail: cabsantos@uneb.br

Resumo

As mobilizações territoriais indígenas emergentes no Nordeste, na primeira década do século XXI, foi caracterizada pelos esforços destes na proteção da Mãe terra e seus recursos. Este artigo se propõe a desvelar os movimentos que marcaram o sentido de pertencimento ao Território Indígena de Assunção pelo Povo Truká, tendo como objetivo principal analisar os aspectos sociais da territorialidade deste povo. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com procedimentos bibliográficos e abordagem qualitativa. As retomadas territoriais

foram fundamentais na construção da territorialidade Truká e as expressões socioculturais emergem como forma coletiva de proteção ao espaço reconquistado.

Palavras chaves: Ethnohistória; Territorialidade; Indígenas no Nordeste; Identidade; Expressões socioculturais.

Introdução

As ciências humanas e sociais têm se esforçado para compreender as formas de ocupação e interação territorial do homem no planeta. O que, sem dúvida, facilitaria a inferência de dinâmicas assertivas de cuidado ao meio estabelecido e o bem-estar em suas relações organizacionais e socioculturais. Romper estereótipos de exploração sem medidas, bem como a falta de zelo e empreender formas sustentáveis de uso do espaço tem se apresentado como ações necessárias à sociedade contemporânea.

As estratégias de colonização, em especial no hemisfério ocidental, fizeram com que as populações tradicionais reagissem de formas diversas às movimentações estabelecidas, criando releituras de convivência social e de sua territorialidade ao longo do tempo (Little, 2002; Barboza; Santos, 2018). O Brasil desconhece e ignora a sociodiversidade contemporânea dos povos indígenas (Orço; Fleuri, 2010).

Nesse contexto, percebe-se que a (re)organização social abrange várias esferas ou estruturações (culturais, políticas, econômicas, familiar, religiosa e educacional), necessárias à sobrevivência da sociedade e podem modificar-se de acordo com a necessidade do grupo. Para a Sociologia, o conceito de organização social que contemplamos aqui, encontra justificativa nas mobilizações sociais e no papel de cada participante.

Os comportamentos dos indivíduos ou grupos marcam os relacionamentos e influencia a organização da sociedade. Assim, a cultura e suas expressões acentuam as especificidades e formas de organização. Segundo Barboza e Santos (2018), compreender novas formas de romper com as correntes da colonialidade, enfrentar desafios e medos na busca de viver bem, em harmonia com a natureza e um com o outro dentro do território e fora dele, tem sido meta primordial para os povos originários.

Na busca pela compreensão de elementos únicos e demarcatórios da identidade e relações de uma comunidade ou povo, o termo sociocultural ganha espaço e recorre a várias ciências (Sociologia, Antropologia, História e Pedagogia, entre outras), na tentativa de compreender o desempenho do ser humano em um espaço de tempo, seus produtos e construções (Wernec, 2006).

As experiências socioculturais comportam significâncias (língua, territorialidades, alimentação, tradições populares etc.), que se manifestam e ao mesmo tempo fortalecem as estruturas estabelecidas, necessárias para entender o funcionamento das sociedades (valores, crenças, normas, costumes e instituições), interações e relações entre seus indivíduos (Florêncio, 2020).

Para os povos indígenas, o conhecimento é simultaneamente material e espiritual e os seres humanos não estão separados do chamado “mundo natural” (Orço; Fleuri, 2010). Por isso, torna-se tão importante e necessário para a sociedade contemporânea, conhecer e difundir os saberes e práticas dos conhecimentos tradicionais/ancestrais dos povos originários.

Este artigo tem como objetivo analisar os aspectos sociais da territorialidade e identidade do Povo Indígena Truká, na primeira década do século XXI a partir de uma revisão de literatura narrativa, buscando responder de que forma as expressões socioculturais influenciam na construção da identidade e territorialidade desse povo.

Material e método

Utilizou-se neste artigo a técnica da revisão da literatura com base na metodologia de revisão bibliográfica ou Revisão Narrativa, que apresenta métodos específicos de busca de um determinado tema em acervos da literatura (Botelho; Cunha; Macedo, 2011), neste caso, opta-se por bases de dados acadêmicos online e de acesso livre.

A Revisão Narrativa é utilizada para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual (Santos; Santos, 2021). Constituindo-se, basicamente, da análise da literatura, interpretação e análise crítica pessoal do pesquisador (Bernardo; Nobre; Janete, 2004), possibilitando a aquisição e atualização de conhecimento sobre um determinado tema em curto período (Rother, 2007).

A população a ser estudada localiza-se na Ilha da Assunção, arquipélago no município de Cabrobó/PE, semiárido brasileiro no submédio São Francisco, onde no Censo de 2022, teve sua população estimada em 6 mil indígenas. Território este rico em belezas naturais, atualmente forte produtor de fruticultura, devido a potencialidade de seus solos, o que historicamente atraiu os olhares não-indígenas e que possivelmente tenha sido um dos motivos que levaram os Truká a perda desse território. As lutas pela reconquista territorial no final do séc. XIX marcam a história Truká que precisaram reelaborar e resinificar suas visões de mundo e convivência no espaço de seus antepassados, que lhes foram tirados e precisaram ser reavidos. A primeira década do séc. XXI é compreendida com o período final das retomadas territoriais Truká, na Ilha da Assunção, mostrando o início de um novo ciclo na história e luta Truká. Torna-se pertinente perguntar: Que movimentos marcaram o sentido de pertencimento ao território de Assunção pelo povo Truká? De que forma as expressões socioculturais influenciaram na construção da territorialidade e identidade Truká? Quais os aspectos sociais da territorialidade e identidade do Povo indígena Truká?

Como forma de abordagem trata-se de uma pesquisa qualitativa, considerando a possível interpretação dos fenômenos, suas relações e seus significados, fortalecendo os princípios investigativos (Gil, 2002).

Os procedimentos técnicos baseiam-se na pesquisa bibliográfica, elaborada com materiais publicados (artigos, livros, capítulos de livros, monografias, dissertações, e teses, possibilitando a resolução da problemática (Almeida, 2021).

Para seleção do material bibliográfico, optou-se por bases de dados nas áreas de ciências humanas e sociais, de acesso livre, sendo selecionados os *Periódicos: Capes, Livivo, Science open.com e Google Scholar, utilizando os* descritores “Territorialidade”, “Identidade Indígena” e “Truká.

Resultados e Discussões

Foram analisados 80 textos, aos quais foram aplicados critérios de inclusão na amostra: a análise do resumo e objetivos e se esses atendiam aos

objetivos desta pesquisa, sendo incluídos trabalhos publicados entre os anos de 2000 e 2010.

Ao final da análise, foram incluídos apenas seis textos (Tabela 01) que atendiam aos objetivos desta pesquisa.

Autores/Ano	Aspectos Sociais de Territorialidade	Expressões Socioculturais
Amorim, 2003	Lutas e emergências com base em memórias vivas.	Toré.
Barboza e Santos, 2018	Políticas do bem viver, visando a proteção dos recursos naturais.	Encontro de Jovens: Organização dos Jovens Indígenas Truká (OJIT); Escola voltada ao projeto societário do Povo.
Batista, 2005	Conflitos com os 'poderosos da cidade' e com o Estado.	Organizações Internas.
Florêncio, 2020	"Os índios expulsos de suas terras por forças do governo, igreja e elite, empreenderam um intenso processo de retomada que se concretizou de forma definitiva apenas em 1999".	Implementação de cultivos agrícolas; Desenvolvimento de práticas e saberes focados em simbologias e cosmologias próprias.
Oliveira, Florêncio e Santos, 2018.	Conflitos entre posseiros e indígenas; Cuidado com os recursos naturais.	Mobilizações organizadas para reconquista territorial: retomadas
Pereira et al, 2023	Conhecimento natural dos espaços de convivência; Confrontos com invasores; Disputas territoriais.	Domesticação de plantas e animais; Movimentações migratórias internas e externas.
Santos e Alves, 2016	Uso do rio São Francisco como fonte de sobrevivência física e espiritual.	Atividades de pesca e caça tradicionais.

Registros Históricos da Presença do Povo Truká no Semiárido Nordestino

Compreender a história territorial Truká, no século XXI, implica em conhecer o contexto que a antecede. Registros das lutas do povo pela manutenção de seu espaço ocorrem desde o século XVII, tendo como marcos temporais, processo de aldeamentos feito pelos missionários em consonância com o Reino, objetiva a catequese para garantir a conversão cristão para os indígenas serem "salvos", "domesticados" e súditos do Rei (Nantes, 1709²), os

² NANTES, Bernardo de. *Katecismo indico da língua kariri*. Material microfilmado. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1709.

registros do linguista William de Hohenthal³ e os estudos da antropóloga Mércia Rejane Rangel Batista⁴, do início do século XXI.

Nantes (1709) faz referência à fundação de um aldeamento na ilha do Pambu no ano de 1701. Batista (2005) destaca que a Ilha da Assunção se chamava Pambu, a partir de registros da chegada de missões religiosas em aldeamentos tapuias, nos primeiros anos do século XVIII.

Logo depois, as missões religiosas teriam sido removidas para a ilha da Várzea, até que em 1776, com a criação da paróquia e da vila, o aldeamento indígena volta para a Ilha de Pambu, por ser maior e mais fértil, tomando então o nome da Vila da Assumpção. Nessa época, é descrito que os indígenas pescam, caçam e cultivam na ilha mandioca, milho, melancia, hortaliças e algodão (Batista, 2005).

O reino português, de monarquista absolutista ao Estado Nacional Monarquista no século XVIII, com a criação de uma estrutura executiva realizada pelo Gabinete Ministerial, o 1º Ministro foi Marquês de Pombal, instituiu maior controle sobre o controle do aldeamento, retirando os padres dessa função e nomeando civis, recomendando um conjunto de medidas para aumentar o rendimento das áreas aldeadas, fomentando o casamento interétnico, entre indígenas e não indígenas – este eram premiados com lotes de terras nas áreas de aldeamento, proibição de falar as línguas indígenas e determinação do ensino do português et. No século XIX durante o governo de D. João VI foi deflagrada novas “bandeiras” para reunir os indígenas ‘selvagens’ para ensiná-los a obediência ao estado monárquico e os desobedientes foram mortos. No 2º Império, em 1850 foi criada a Lei de Terras, estipulou que quem não possui documento de posse de terras, eram pertencentes ao Governo Imperial. Permitiu que os indígenas ficassem em terras na condição de colonos e foram colocados no mesmo inciso do estímulo a construção de estradas e outros serviços serviço público, provavelmente para uso de obra indígenas, uma das estratégias de integra-los à “civilização”.

³ Hohenthal, William. *As tribos indígenas do baixo e médio São Francisco*. Revista Museu Paulista, São Paulo, v. 12, 1960.

⁴ BATISTA, Mércia Rejane Rangel. *O desencantamento da aldeia*. Exercício antropológico a partir do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Truká. FUNAI, Brasília. Revista de Estudos e Pesquisas. v.1, n. 2, 2004.

O antropólogo norte americano que veio fazer estudos com indígenas, William de Hohenthal, realizou expedições entre 1951 e 1952 em vários povos indígenas dos sertões do São Francisco, na metade do século, reunindo informações importantes de perseguições, fraudes e arrendamentos de terras indígenas por parte dos chefes dos Posto Indígenas.

No século XIX, documentos da comarca de Floresta/PE registram queixas de moradores da Aldeia de Assunção. Na mesma época, a Comarca informa o número dos moradores da aldeia – 620 índios – e relata o procedimento da Câmara Municipal de Cabrobó, que vem esbulhando os índios de parte das terras da Aldeia (Batista, 2005).

As disputas entre indígenas e a população do entorno da então Vila de Cabrobó eram intensas. Segundo Batista (2005), neste período foi proposto pelo poder local, que a terra usurpada, fosse paga por alguma quantia e que se aproveitasse as habilidades dos índios do aldeamento quanto a navegação, sendo proposta a criação de uma colônia militar para a formação de trabalhadores, para tal era necessário demarcar as terras da Aldeia, evitando-se a usurpação e os conflitos.

Batista (2005) traz relatos de que os aldeados na Ilha de Assunção, durante o século XIX existiram e persistiram, afligidos por problemas de disputa de terras entre os seus moradores e os chamados ‘poderosos de Cabrobó’.

No início do século XX, segundo Batista (2025), os indígenas Truká passam por mais um desafio que coloca em litígio sua permanência no território. O Bispo de Pesqueira, alegando um direito da Igreja, com o apoio do Estado, lavrou escritura vendendo toda a ilha de Assunção a diversos colonos. Os aldeados acusam ‘os poderosos’ de perseguição, e isso dá início não só à disputa pelo controle sobre a terra, mas também do rebanho existente e que pertencia ao patrimônio dos aldeados e o acesso à mão-de-obra, transformada em escrava ou servil (Batista, 2025).

Neste período, o povo Truká passou, pelo que alguns autores chamaram de apagamento étnico, seus territórios foram tomados e esses expostos a própria sorte. Nas décadas de 1960/70, inicia-se no Nordeste a luta de vários grupos indígenas pela reconquista de seus territórios, processo denominado por Retomadas (Batista, 2005; Barboza e Santos, 2018; Pereira *et al*, 2023).

Em relação à primeira década do século XXI, a qual esse trabalho se detém, a pesquisadora Batista (2005), diz compreender que se confronta com uma realidade diferente, por se deparar pela primeira vez com o território Truká retomado, e que esse novo momento vivenciado traria novas demandas e situações. Neste trabalho, compreende-se território como um espaço de vivências, onde se estabelece moradias, trabalho, saberes, conquistas pessoais e do grupo (Barboza; Santos, 2018).

O território, no entendimento de Saquet e Briskievicz (2009), envolve um patrimônio identitário: o saber-fazer, as edificações, os monumentos, os museus, os dialetos, as crenças, os arquivos históricos, as relações sociais das famílias, as organizações políticas que pode ser potencializado em projetos e programas desenvolvimento que visem sua preservação e valorização (Saquet; Briskievicz, 2009).

Com base na luta pela reconquista do território, pelo Povo Truká no início do século XXI, a terra e a força dos encantados (entidades pertencentes a cosmologia Truká) aparece como centro de suas organizações. Batista (2005) destaca em suas leituras a importância de líderes nas lutas estabelecidas, destacando a liderança de Acilon Ciriaco, que partiu então para a construção de uma identidade coletiva, apoiando-se em elementos retirados do campo ritual (mágico-religioso), criou significados no campo das relações de dominação política. Encontramos na explicação padrão que aquele que se torna possuidor da luz, emerge como possuidor de autoridade legítima (Batista, 2005).

Da luta pela terra nasce a organização das lideranças, os Caciques, o Pajé, o conselho dos anciões, as áreas de convivências, a renovação da escola para proporcionar um ensino que fortaleça a identidade do povo e a luta pela terra, princípios democráticos, a defesa a natureza e a demarcação dos novos desafios (Truká, 2007). Portanto, compreende-se um espaço favorável para compreensão dos aspectos sociais de territorialidade e ligações com as expressões socioculturais.

O entendimento analisado neste trabalho tem como base os estudo de Little (2002), que percebe na diversidade fundiária brasileira, ambientes propícios ao estudo das relações dos povos, e seus núcleos de diversidade. As múltiplas sociedades indígenas, cada uma delas com formas próprias de inter-relacionamento com seus respectivos ambientes geográficos, “formam um dos

núcleos mais importantes dessa diversidade, enquanto as centenas de remanescentes das comunidades dos quilombos, espalhadas por todo o território nacional, formam outro” (Little, 2002). A territorialidade é percebida como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” (Little, 2002).

Um dos gatilhos para o desenvolvimento da territorialidade defendida por Little (2002), no caso dos povos indígenas no Nordeste, surgiria com o processo de territorialização, em que, no contexto de colonização e pós-colonização, estes seriam colocados em territórios físicos demarcados e em outro momento e outro espaço de tempo teria se recolocado.

Segundo Silva (2018), os povos indígenas em Pernambuco, no Nordeste contemporâneo, vivenciaram dois processos de territorialização em situações muito diversas e que, as pesquisas mais recentes vêm descobrindo a complexidade e a especificidade dos povos indígenas, seus projetos políticos, as relações decorrentes com a colonização, as estratégias da resistência indígena, as relações de negociações e conflitos ao longo da história (Silva, 2018). A presença indígena muito incomodou e incomoda a sociedade desde a colônia até a contemporaneidade (Xavier, 2018).

Barth (2000) destaca que a concepção de territorialidade reflete sobre as formas de apropriação dos ambientes, as noções de pertencimento e de afirmação identitárias e que, embora esses povos tenham contato com outros, as fronteiras permanecem (Oliveira, Florêncio; Santos, 2018). Mamédio *et al* (2019) indicam dois níveis de territorialidade o coletivo e o individual, o coletivo reforça a identidade de grupo e o individual trata do espaço pessoal inviolável, existindo uma correlação entre território e territorialidade.

A Organização Social do Povo Truká

A organização social Truká é marcada por um histórico de lutas e enfrentamentos com os não-indígenas. A perda territorial e a luta do território através dos movimentos de retomadas marcam as relações internas e externas do grupo. Internamente para com o fortalecimento da luta surgiram as lideranças, Caciques e pajés, a esses cabem reunir o povo e direcionar as ações a serem

desenvolvidas na comunidade, no início do século XXI, a população teve um aumento significativo e essa forma de organização se tornou fundamental para o cuidado com a terra.

Processos complexos de compra de terra e invasão de posseiros foram evidenciados durante o século XX. Uma grande empresa foi instalada na Ilha de Assunção, sendo vetada a participação de indígenas como trabalhadores, isso gerou conflitos entre os indígenas e os interessados no território Truká, gerando também a expulsão do povo de seu próprio território, por falta de condições de sobrevivência associada ao medo da violência. Esse cenário contribuirá para necessidade dos movimentos de retomadas de suas terras e também para que grupos familiares fundem outras comunidades indígenas de nação Truká, nas cidades de Sobradinho/BA, Orocó/PE e Paulo Afonso/BA (Santos, 2016; Florêncio, 2020). Batista (2005) destaca ainda que, quando os Truká retomaram o território da Assunção suas demandas estabeleciam outras pautas para reorganização político-social do Povo.

A partir do final da década de 1970, começou um movimento de retomada essencial para a reocupação dos territórios, reconhecido na consciência dos Truká, e através dos discursos dos seus habitantes, aparece pela necessidade de sobrevivência econômica e cultural. O mesmo reflete que no espaço Truká, eles encontram a caça e a pesca não mais em abundância, mas que permite diversificar a alimentação e manter as relações homem-natureza, que lhes é própria, executando seus trabalhos manuais, artesanato e utensílios de trabalho, de caça e pesca. Ainda destaca que a garantia da segurança alimentar e até mesmo a sustentabilidade econômica é a agricultura, principalmente a fruticultura, inserindo o indígena de Truká no mercado produtor-consumidor de forma consolidada, apontando que a comunidade produz arroz, cebola e frutas (principalmente mamão, acerola, banana e coco) em quantidade suficiente para abastecer o mercado local e até exportar para cidades vizinhas (Florêncio, 2020).

A participação em espaços de discussão a respeito do cuidado com o rio São Francisco e em espaços com os governantes foram viabilizados pela comunidade, uma vez que só ter acesso à terra não era suficiente para as necessidades da sociedade estabelecida, sendo importante destacar a fragilidade a qual o território exposto no período da ausência indígena.

Nas questões da luta mais amplas, aquelas que interessam a todas as aldeias, como representação e participação externa do Povo nos espaços de discussão e controle das políticas públicas, não nos distinguimos por área, mas nos apresentamos como Povo Truká (Truká, 2007).

A história indígena no Nordeste é marcada por um contexto de lutas e resistência que perpassa por uma construção de saberes, envolvidos em contextos políticos, econômicos, culturais e sociais. É necessário pontuar que indígena no Nordeste traz em suas lutas marcas de processos migratórios forçados que, no olhar de historiadores e etnógrafos, iniciam com a vinda de não-indígenas para o território, deixando um rastro de perdas que atualmente é inegável a essas sociedades, mas que também vão se reelaborando e se fortalecendo em sentidos coletivos de identidade e territorialidade (Pereira *et al*, 2023).

A luta da juventude também faz parte da organização social Truká (Figura 01), onde em conjunto com as lideranças, caciques e outras organizações se mostram atuantes nas discussões internas e reforçam o cuidado com o meio.

Figura 01: Organização social Truká, pós movimentos de retomadas



Fonte: Elaboração dos autores (2024)

Barbosa e Santos (2018) apontam que a juventude traz em suas falas uma preocupação pertinente, pois serão eles a ter novos embates no futuro em relação a tudo isso, quando não deveriam ter, pois a terra já foi conquistada e se encontra em sua totalidade nas mãos dos indígenas, então se perguntam, O que está acontecendo? Porque as lideranças, caciques e a comunidade não tomam atitude diante dessa situação que gera novo processo de colonização, e com ele agressão a nossa mãe natureza? Dessa forma a juventude se apresenta como

um norte aos questionamentos sobre o processo de ocupação do território e sua organização.

Refletir e deliberar sobre desafios postos na saúde, educação, território, agricultura, juventude e principalmente o processo pelo qual passava nosso cacique, a criminalização das nossas lideranças, era o sentimento da juventude no momento destaca Barboza e Santos (2018) destacam ainda que o povo necessita enfrentar seus desafios abrindo pauta a um bem viver exigindo de cada pessoa um compromisso com os valores que justificam o pertencimento àquela coletividade e, ao mesmo tempo, o abandono dos “valores” adquiridos do colonizador (Pereira *et al*, 2023).

A escola é atuante e participativa na luta e na sociedade Truká, se reelaborando e buscando evidenciar práticas que fortaleçam os ideais do povo, apontando em seus currículos pautas identitárias e desenvolvimento social com responsabilidade ao meio.

O livro *No Reino da Assunção reina Truká* (Truká, 2007) estabelece que as professoras, além de ensinar os conteúdos da escola e pesquisarem suas histórias, também formam guerreiros e guerreiras, para uma educação de qualidade, com princípios próprios, sendo todo o corpo escolar indígena. Em reforço, Orço e Fleuri (2010) destacam que é necessário efetivar para os povos indígenas uma política educacional comunitária, intercultural, bilíngue e específica para cada povo, de modo a que os indígenas sejam contemplados em suas necessidades e respeitados em seus próprios esforços de fazer educação e educação escolar.

Os povos indígenas têm na luta pela terra e sua proteção um marco na construção de suas relações identitárias, onde a territorialidade aponta-se no desenvolvimento e nas vivências territoriais. Os aspectos sociais de territorialidade Truká se estabelece pelos enfrentamentos coletivos e individuais, refletem e se manifestam socialmente de forma mútua.

Amorim (2003) diz que os povos ressurgidos, referindo-se aos movimentos de luta pela reconquista da terra (retomada), por estarem distante de seus descendentes (no tempo e nas relações intergrupais), carecem da terra para resgatar e praticar seus rituais, criar vínculos. Entretanto, as relações reiniciadas a partir do ressurgimento, estreitam cada vez mais os laços culturais

e tradicionais desses povos que, pouco a pouco, reconstróem seu universo cultural e ritualístico.

Xavier (2018) complementa que a definitiva “morte indígena” no século XIX não passou de ficção política e literária, que pode ser confirmada, segundo ele, em inúmeros vestígios materiais do passado e na investigação dos acontecimentos que se deram ao longo dos processos históricos que, aos poucos, culminaram com os movimentos indígenas da contemporaneidade. Os indígenas se apropriaram dos instrumentos jurídicos dos não-indígenas fizeram leituras da dinâmica político-administrativa que os cercava e na qual eram também envolvidos e se reinventaram no processo.

Segundo Barboza e Santos (2018), a reconquista do território, a reelaboração da identidade e da cultura, a busca do fortalecimento coletivo e na força dos espíritos guerreiros, o povo reconquistou sua autoestima e autonomia. E continua trazendo o que Mození (liderança assassinada em 2008) costumava repetir: “nós passamos de canela cinza à nação Truká”. Lembrando do significado simbólico da consciência coletiva de pertencimento ao povo, e dentro dessa coletividade a importância de cada indígena, cada guerreira, cada guerreiro, com sua trajetória de vida, com a marca de seu corpo, antes canela cinza, agora corpo expressão da alteridade, da dignidade, da honradez, da identidade Truká. Mození Araújo (Ciriaco) é lembrado pelos Truká como uma liderança que muito contribuiu para o fortalecimento da luta territorial e para reorganização pós retomada, o mesmo participava das disputas políticas (concorrendo ao mandato de vereador) na cidade, buscando a representatividade do povo frente a sociedade Cabroboense, participava da organização de Associações voltadas a fruticultura e rizicultura (cultura de arroz), colaborou com a reorganização da educação para que essa trabalhasse a importância do ser Truká com as crianças, incentivou o movimento dos jovens, debatendo a importância e necessidade da criação de movimentos no povo que chamassem a atenção dos jovens para permanência no território, uma vez que na época muitos precisavam sair para a cidade ou outros lugares para conseguir um trabalho para suprir suas necessidades, correndo o risco de não retorno ao povo. O mesmo tinha grande respeito dos Anciões e Lideranças Truká, protagonizou juntamente com outros líderes as primeiras Assembléias Truká (espaço de discussão a respeito das necessidades e deliberações da

comunidade no âmbito da saúde, educação, terra/território e outros), seu tombamento (morte), assim como de outros guerreiros é tido como uma perda sem precedentes na história Truká contemporânea.

Com relação a saída (territorial) dos Truká, Pereira et al (2023) indicam que processos migratórios Truká, ocorrem, por não ter terra suficiente para as famílias. Os filhos desses que viveram as décadas de 1980 e 90 tentam viver em outros espaços, na sua grande maioria nos espaços urbanos. As formações de outros núcleos indígenas, as quais são também chamadas de retomadas novas, que vão se construindo ao longo do tempo oportunizam a esses, outros espaços de moradia, condições para o fortalecimento identitário e vivências culturais próprias, ampliando os movimentos sociais indígenas.

Os mesmos autores destacam que os indígenas residentes das cidades (ou desaldeados) costumam manter ligações diretas e constantes com os povos que estão nas aldeias, pois suas famílias ou suas raízes familiares estão lá, esperando por cada volta que se consagra como migração ao território sagrado (Santos *et al.*, 2016) é importante frisar que as lições são transpostas incansavelmente, em um ciclo grandioso de ensinamentos outros, marcados pela ancestralidade e o sentimento de pertencimento (Pereira *et al*, 2023).

Segundo Little (2002), os territórios dos povos tradicionais se fundamentam em décadas, em alguns casos, séculos de ocupação efetiva. A longa duração dessas ocupações fornece um peso histórico às suas reivindicações territoriais. Compreendendo que a expressão dessa territorialidade, então, não reside na figura de leis ou títulos, mas se mantém viva nos bastidores da memória coletiva que incorpora dimensões simbólicas e identitárias na relação do grupo com sua área, o que dá profundidade e consistência temporal ao território.

As expressões socioculturais nascem dos processos de reelaboração e nos contextos de luta pela terra, compreendendo os vários espaços territoriais e seus múltiplos campos, onde a produção humana acontece. Os Truká, a partir do exercício de sua territorialidade, constituem várias formas de se expressar socialmente. Esse fenômeno de “emergência étnica” que vem acontecendo nas áreas mais antigas da colonização a exemplo do Nordeste, foi chamado pela atual reflexão antropológica de etnogênese (Silva, 2008).

Sousa (2001), em seu estudo do povo Jenipapo-Kanindé, do Ceará, destaca que a territorialidade destes aproxima o material do imaterial, norteando o lugar deste num espaço de história, identidade e relação, não definido, porém também com marcas de um passado colonial. Nesses espaços, os rituais e as manifestações são utilizados para fortalecer a identidade e especificidade étnica e assegurar seus direitos e que o simbolismo se articula nas manifestações socioculturais e culmina na organização social.

Segundo Silva (2008), existe uma herança sociocultural que acontece na movimentação do processo de emergência história que passa por releituras indígenas e que a partir da reelaboração de símbolos e reinvenção de tradições culturais, muitas das quais apropriadas no processo da colonização serão vivenciadas no horizonte indígena. Entretanto, o Toré não é apenas uma dança, existe uma mística que o sustenta enquanto manifestação religiosa e uma preparação para o momento festivo, no qual, apenas os iniciados têm acesso (Florêncio, 2020), o povo Truká cultuam os Encantos de Luz nos quais afirmam adquirir sabedoria, o conhecimento da “ciência” para a cura do corpo e da alma (Silva, 2008).

Amorim (2003) destaca que na memória, guarda-se aspectos singulares de uma cultura ancestral, transmitida e praticada de geração em geração. E que, em sua diversidade, entre os aspectos culturais mais conhecidos estão o Toré e o Praiá, ambos levados a cabo no plano simbólico intermediado pelo pajé ou por um membro por ele designado ou, ainda, pelo cantador e cantadora de Toré, uma pessoa respeitada na comunidade por seus poderes hierárquicos no campo espiritual e por sua capacidade de lidar com os encantados.

Silva (2008) afirma que nos (des)encontros e confrontos culturais, os indígenas não foram apenas consumidores passivos de uma cultura hegemônica, mas age de acordo com a leitura de mundo ao seu redor, pelos códigos culturais da sua sociedade, como pela percepção e interpretação dos eventos que se sucedem, e diz da importância do reconhecimento do Brasil como um país de vasta pluralidade sociocultural, e os indígenas não podem ser ignorados em suas diversas expressões da cultura.

Considerações Finais

Marcado pelos movimentos de retomadas (reconquista territorial) no início do século XXI, o povo Truká passa a se organizar socialmente, de forma que suas ações ecoassem na proteção da Assunção. A territorialidade surge na experiência cotidiana, criando dinâmicas válidas de interação com meio, fortalecendo nesta caminhada o ser Truká, como ensinamento que é passado de geração em geração e na relação ancestral com a força encantada.

As organizações sociais Truká, como a Organização dos Caciques, os Conselhos de Anciões, os Pajés, Organização de Jovens, Conselhos de Lideranças, Organização de professores, os Conselhos de Saúde e as Associações, têm como base a luta na proteção da Mãe terra e da natureza sagrada. Conforme as dinâmicas territoriais aconteciam surgiam as manifestações socioculturais e identitária, que preencheram suas necessidades materiais e imateriais e de relações internas e externas. Seus aspectos sociais de territorialidade têm como base as lutas e emergência com base em memórias vivas de seus ancestrais, enfrentamentos coletivos para proteção dos recursos naturais e cosmológicos, conhecimento natural dos espaços de convivência e confrontos com invasores.

Em meio à construção de sua territorialidade e identidade várias expressões socioculturais foram evidenciadas pelos Truká, como o Toré, criações de conselhos como os de lideranças e anciões, a OPIT (Organização de Professores Indígenas Truká), as organizações de jovens a exemplo da OJIT (Organização de Jovens Indígenas Truká), que dia 09 de Agosto de 2024 completou 20 anos de existência, Assembleias, Conselhos de saúde e outras organizações internas, implementações de cultivos agrícolas, saberes e práticas focadas em simbologias e cosmologias próprias. A busca pela sustentabilidade territorial Truká tem sido constante em suas dinâmicas, sendo a Escola Truká posta como um espaço importante para o fortalecimento de sua identidade, reforçando o cuidado as tradições e cultura ancestralizada por natureza.

A busca por elucidar questões acerca da história Truká , bem como a compreensão da importância de seus conhecimentos nos colocaram aqui, esta pesquisa além do rigor científico empregado, contou com a participação de uma indígena Truká em sua concepção o que justifica a sensibilidade no olhar aos

detalhes que fogem ao olhar não-indígena, contudo, a história Truká não esgota, todos os seus espaços ecoam ensinamentos únicos tendo muito a compartilhar, as futuras gerações necessitam conhecer e compreender a luta de um Povo por um território que emana paixão e poder, restando assim continuidade de outras pesquisas a respeito das territorialidades Truká e suas manifestações sociais antigas e contemporâneas.

Referências

AMORIM, S. S. Notas Etnográficas: A construção da autoimagem de povos indígenas ressurgidos os Tumbalalá os Kalankó e os Karuazu, Kóiuupanká e Catókin. **Revista STUDIUM 13**. Jaraguá, Maceió, abril de 2003.

BARBOZA, C. S.; SANTOS, C. A. B. Bem viver: Povo Truká e seu contexto de colonialidade na construção do novo modelo de vida. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, setembro, 2018.

BATISTA, M. R. R. **Construindo e Recebendo Heranças: As Lideranças Truká** – Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2005. V 1, 200f.: il.

BATISTA, M. R. R. *O desencantamento da aldeia*. Exercício antropológico a partir do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Truká. FUNAI, Brasília. **Revista de Estudos e Pesquisas**. v.1, n. 2, 2004.

BERNARDO, W. M.; NOBRE, M. R. C; JANETE, F. B. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 50, n. 1, p. 1-9, 2004.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O Método da Revisão Integrativa nos Estudos Organizacionais. **Gestão e Sociedade**, V.5, N. 11, P. 121-136 · Mai-Ago., 2011.

FLORÊNCIO R. R. Aspectos Culturais do Povo Truká de Assunção: Territorialidades Emergentes. **Revista Científica do UniRios**, v. 14, n. 24, p, 62-74, 2020 2020.

HOHENTHAL, W. *As tribos indígenas do baixo e médio São Francisco*. **Revista Museu Paulista**, São Paulo, v. 12, 1960.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia. Universidade de Brasília, 2002.2.

MAMÉDIO, D.; MENDEZ, J. M. D.; ALMEIDA, R. de; SANTANA, S. B. de; Processo de (des)territorialidade em uma comunidade rural na Bahia. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 22, n. 1, p. 67-82, jan./mar. 2021.

- NANTES, B. de. *Katecismo indico da língua kariri*. Material microfilmado. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1709.
- OLIVEIRA, G. S.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B.; Terras do Opará: A territorialidade indígena no Nordeste brasileiro. **II CONIDIS - Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido**, 2018.
- ORÇO, C. L.; FLEURI, R. M.; O processo educativo: cultura e identidade indígenas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 2, Passo Fundo, p. 335-347, jul./dez. 2010.
- PEREIRA, A. L. S.; BARBOZA, A. C. F.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B.; Implicações das migrações no desenvolvimento econômico do povo indígena Truká. **Revista Intersaberes** ISSN: 1809-7286 Vol. 18 e023tl4017, 2023.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. 67a. **Revista Humanidades e Inovação**. v.20, n.02, p. v-vi, 2007.
- SANTOS, A. A.; SANTOS, C. A. B. Narrativa, Superstições, Fantasias e Bichos. **Humanidades e Inovações**, v. 9, n 1, p. 58-67, 2022.
- SANTOS, C. A. B.; ALVES, R. R. N.; Ethnoichthyology of the indigenous Truká people, Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 2016.
- SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M.; Territorialidade e identidade: Um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº31, vol.1, 2009.
- SILVA, E. Expressões da cultura imaterial indígenas em Pernambuco. In: GUILLEN, I. C. M. (Org.). **Tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife, EDUFPE, 2008, p.215-230.
- SOUSA, C. K. S. **Identidade, cultura e interesses: a territorialidade dos Jenipapo-Kanindé do Ceará**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Ceará (UFCE) – Fortaleza, 2001.
- TRUKÁ. Organização das professoras Truká, OPIT. **No Reino da Assunção, reina Truká**. Belo Horizonte: FALE/ UFMG: SECAD/MEC, 2007.
- WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 51, p. 173–196, abr. 2006
- XAVIER, M. O. **Extintos no discurso oficial, vivos no cenário social** [livro eletrônico]: os índios do Ceará no período do império do Brasil - trabalho, terras e identidades indígenas em questão - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. 2.816KB: il.; 21 cm. (Coleção Humanidades).

CAPÍTULO 2

GESTÃO SOCIOAMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE TERRITORIAL TRUKÁ: dinâmicas de transmissão cultural em evidência

*Artigo aceito para publicação na Revista de História Mosaico - Pontifícia
Universidade Católica de Goiás*

Artenízia Luiza Pereira da Silva

Cristiana de Cerqueira Silva Santana

Roberto Remígio Florêncio

Carlos Alberto Batista Santos

RESUMO

Os povos indígenas em geral têm relações saudáveis com os ambientes onde habitam e os cuidados são socializados de várias formas ao coletivo sendo essa prática importante e necessária para a afirmação étnica e sociocultural. Este texto teve como objetivo compreender como ocorreu o processo de gestão socioambiental e sustentabilidade no território Truká, bem como as dinâmicas socioculturais existentes. A metodologia teve por base o estudo bibliográfico de artigos com busca no *Google Acadêmico*, possibilitando a elaboração de quadro referente a sustentabilidade Truká. Foi possível compreender que a gestão socioambiental no território é de suma importância para a afirmação étnica deste povo e nas relações com a Natureza que os cerca, e que a socialização evidenciando os bons tratos à Mãe Terra e as mobilizações pela proteção do ambiente onde habitam, são fundamentais para os indígenas. Assim, debater sobre as dinâmicas socioambientais, a sustentabilidade e a socialização de conhecimentos ancestrais são relevantes para o autoconhecimento e garantia da biodiversidade.

Palavras chaves: Povo Indígena. Sustentabilidade. Conhecimentos Ancestrais.

RESUMEN

Los pueblos indígenas en general tienen relaciones sanas con los entornos en los que viven y el cuidado se socializa de diversas formas al colectivo, siendo esta práctica importante y necesaria para la afirmación étnica y sociocultural. Este texto tuvo como objetivo comprender cómo se produjo el proceso de gestión socioambiental y sostenibilidad en el territorio Truká, así como las dinámicas socioculturales existentes. La metodología se basó en el estudio bibliográfico de artículos buscados en *Google Scholar*, permitiendo la creación de un cuadro

sobre la sostenibilidad de Truká. Se pudo comprender que la gestión socioambiental en el territorio es de suma importancia para la afirmación étnica de estos pueblos y en sus relaciones con la Naturaleza que los rodea, y que la socialización destacando el buen trato a la Madre Tierra y las movilizaciones por la protección del entorno donde viven, son fundamentales para los pueblos indígenas. Por lo tanto, debatir las dinámicas socioambientales, la sostenibilidad y la socialización de los saberes ancestrales son relevantes para el autoconocimiento y la garantía de la biodiversidad.

Palabras clave: Pueblos Indígenas. Sostenibilidad. Conocimientos ancestrales.

Introdução

Se você tem fé, a gente derruba tudo que quisermos, o importante é a fé em deus e em nosso pajuaru. São vocês que vão movimentar o nosso território, o nosso rio, nosso ritual, a nossa vibração, o nosso território que nós temos, é para ser os jovens hoje que vão tomar de conta, com fé (Antônio Chico, ancião Truká).

A Natureza como um todo pede socorro para existir, todos os dias os ataques à sua integridade são percebidos a olhos vistos. Qual a melhor maneira de tratar a Natureza? Quem tem a melhor receita? São perguntas que não devemos perder tempo respondendo e sim lançar mão de passos inspirando sensibilidade, novos olhares e inovações sobre o planeta que devemos ajudar a construir, uma vez percebendo um processo de destruição cada vez mais crescente (Souza *et al*, 2016).

Para pensar a gestão socioambiental e sustentabilidade territorial nos povos indígenas, realizamos um exercício para compreender como esse processo ocorre no território Truká, bem como as dinâmicas de socializações existentes, compreendendo que este povo vive sob constantes ameaças à integridade física, étnica e sociocultural. Ainda assim, os Truká, habitantes na Ilha da Assunção, em Pernambuco (Brasil), resistem protagonizando, mobilizações ao longo de várias gerações, inclusive pela retomada do território e a implantação da Educação Escolar Indígena.

Com este olhar e a partir dos estudos de Albuquerque *et al* (2020), Floriani (2009), Sachs (2002), Leff (2001) Souza *et al* (2016), buscamos compreender os processos e modos de aprendizagens contribuindo para experiências positivas de gestão socioambiental e sustentabilidade necessárias à sociedade planetária vigente. E, alicerçados em Araújo (2013), El-Deir (2016), Marques (2012), Pina

(2016), Souza (2020), Pereira, Florêncio e Santos (2022), discutiremos construiremos a sustentabilidade étnica indígena e a respeito da socialização evidentes nas dinâmicas socioculturais Truká, como ~~pøstos~~ apresentadas nos textos em que fundamentou a elaboração deste artigo.

Para guiar nossas discussões, tentaremos responder se existe uma gestão ambiental do/no Território Truká e quais expressões socioculturais se relacionam de forma sustentável neste povo indígena?

Historicamente, os Truká habitam na Ilha da Assunção, no rio São Francisco, há mais de 300 anos, tendo como marco as relações de usos de materiais da Natureza nas práticas alimentares, socioculturais e ritualísticas. No Censo IBGE/2010, foram contabilizados cerca de 4.000 indígenas no território, e que vivenciaram/vivenciam conflitos, mobilizações sociopolíticas e disputas territoriais, envolvendo processos de reconquista da terra. Uma vez que essas foram invadidas por fazendeiros na região e em outros momentos pelo próprio Estado, segundo os estudos de Batista (2004) e Florêncio e Santos (2018).

As mobilizações por e pela terra acontecem no Brasil ao longo da história do país, ocorreu com muitas perdas territoriais para os indígenas, desde o início da colonização portuguesa, no século XVI, responsável por toda uma desorganização das vivências originárias. Para Leff (2001), as mobilizações indígenas procuram reestabelecer as harmonias das relações socioculturais com a Natureza. E essa busca tem sido fundamental para aqueles necessitando de terra para vida assim como para os que almejam uma terra habitável, sustentável.

Do início da colonização à instauração de políticas públicas indigenistas pelo Estado brasileiro, foram experimentadas diversas situações que vão da negação da humanidade dos povos indígenas até a tentativa de integração na comunidade nacional (Silva Júnior, 2018, p. 20).

O Estatuto do índio, a Lei 6.001 de dezembro de 1973, contextualiza de forma escancarada o tratamento aos indígenas, mesmo após quatro séculos da invasão de suas terras, uma política pública não desejando o bem dos povos indígenas e sim a incorporação a uma sociedade distante das origens, dos espaços (*habitats*) com princípios díspares dos naturais, com marcas imensuráveis para os povos originários (Brasil, 2017).

As vivências Truká são baseadas nas mobilizações por um fortalecimento étnico identitário, onde caciques, lideranças e o povo indígena pensam meios para afirmação sociocultural, sendo dependentes desta relação, a partir das organizações existentes para esse fim (Pereira; Florêncio; Santos, 2022). E a Educação Escolar Indígena, de caráter intercultural, proporcionando o suporte desse processo de socialização. Segundo Florêncio (2021), a Escola faz parte do eixo fortalecedor do povo, tendo em vista, a manifestação por meio dela dos interesses socioculturais, sendo este um ambiente importante para análise acerca da gestão socioambiental, sustentabilidade e expressões socioculturais.

O aprender sempre foi essencial para a sobrevivência humana, uma vez que as aprendizagens se constituem como imprescindíveis para estabelecer uma relação entre o ser humano e a Natureza. O ser humano conseguiu dominar vários conhecimentos possibilitando a humanidade chegar aos dias atuais, com a carga técnico-científica da contemporaneidade, ainda que cada grupo societário, à sua maneira, exerça o conhecimento adquirido ou em aquisição. Porém, compreender como, quando, o que e de quem se aprende, faz parte de uma nova chamada ao conhecimento, onde a Etnobiologia evolutiva analisa a construção de conhecimentos outros.

Segundo Albuquerque *et al* (2020), a dinâmica sociocultural, seria importante para compreensão que as aprendizagens ditas naturais com relação ao comportamento humano e o meio, ocorrem de outras formas, abrindo um leque para observação e as quais necessitam de pesquisas. Refletir sobre o ambiente desejado, significa pensar para além da questão do que fazer para uma sociedade ecologicamente correta, perpassando pela observação e incentivos à construção de novas habilidades de se ter enquanto Natureza, equilibrar o corpo, a mente e o espírito nas aprendizagens, tendo a Natureza como aliada e placenta perfeita para acomodar a contemplação e experimentação de tantos conhecimentos (Leff, 2001; Marques, 2012).

Material e método

O presente texto foi construído a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, buscando contemplar artigos científicos atualizados sobre a sustentabilidade e socialização de conhecimentos dos povos

indígenas na região semiárida do sertão pernambucano, em específico, os Truká. Por isso, foram utilizados os seguintes critérios de exclusão e inclusão do material original a ser analisado:

- a) apenas artigos científicos publicados em periódicos, cuja busca inicial se respaldou pelo *Google Acadêmico*;
- b) o período compreendido das publicações entre 2013 e 2022;
- c) para afinamento das buscas, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Povo Truká, Gestão ambiental e Sustentabilidade.

Inicialmente, foram selecionados 103 textos. Mas, como recorte temático, buscando aqueles contendo no título palavras sobre a temática ambiental estudada e relacionadas ao povo Truká. Por fim, a partir das leituras realizadas e do arcabouço teórico possibilitados pelos estudiosos citados, tornou-se possível a construção de um quadro indicando os conhecimentos socializados permeando a sustentabilidade ambiental no território Truká.

Resultados e Discussões

As discussões envolvendo a gestão socioambiental foram iniciadas na segunda metade do século XX e alguns estudiosos lamentam que somente iniciou devido a pressões econômicas internacionais, buscando qualidade na gestão de processos e produtos ambientais nos países realizando comercializações. De forma geral, a gestão socioambiental no Brasil sendo conduzida em pilares com base em leis, representadas por órgãos fiscalizadores (Pina, 2016; Scott, 2020).

Segundo Scott (2020), existem dois lados fazendo parte das mobilizações nos planos de gestão socioambiental, pois os interessados, ao fazerem projetos de grande porte, almejam liberações para construções, enquanto sociedades outras, dependem da negativa desses empreendimentos, e várias são as motivações.

Para realização do IX ATL (1992), foram feitas alianças com o movimento indígena da América Latina, representado pela Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), Coordenação Andina de Organizações Indígenas (CAOI) e Conselho Indígena da América Central (CICA), tendo apoio

da Embaixada da Noruega, Fundação Ford, Conselho Missionário Indigenista, COICA, e parceria do Laced – Museu Nacional/UFRJ (Juruna, 2013 p. 37).

Os povos indígenas têm sido protagonistas em ações da gestão socioambiental nos seus territórios. Dentro os ideais territoriais e convivência com a Natureza, buscam soluções para as problemáticas existentes, os aparatos que os cercam são apreendidos e aperfeiçoados, em décadas de mobilizações pela proteção da chamada “mãe Natureza”. E essas aprendizagens são socializadas e fortalecidas de geração em geração (Araújo, 2013; Juruna, 2013).

Este conhecimento indígena é uma prática, assim como o respeito à terra, como parte da Natureza, e aos espíritos que nela vivem. Tudo isso faz parte do aprender indígena, da educação nos territórios. A educação Truká, como afirmam os escritores do povo indígena, ocorre em diversos espaços, e todos os indígenas são responsáveis por essa construção, estando na escola, em casa, ou no Toré (ritual religioso). Como aludiu o texto do Cacique Bertinho Truká, na contracapa do livro *Nossas vozes indígenas: professoras e professores Truká*.

Os povos indígenas têm uma ótica diferente dos não indígenas em relação à sobrevivência; nós temos uma ligação íntima com a natureza. Precisamos dela porque somos parte dela e sabemos que, sem ela, não há vida. As terras que ainda têm suas matas preservadas são os territórios que estão na mão dos indígenas e isso deve permanecer (Cacique Bertinho Truká, in: Florêncio, 2021).

Dimas Floriani (2009) afirmou que o saber ambiental nasce das experiências vividas consolidadas com o tempo e o surgimento de outras concepções, iniciando os processos da lógica ecológica.

Os Truká são produtores de boa parte dos alimentos consumidos (arroz, verduras, frutas, raízes) contribuindo para a economia local e para o Estado de Pernambuco. Detentores de uma base agrícola forte, baseada nos conhecimentos dos ancestrais, também coletam/caçam vegetais e animais silvestres, pescam e criam animais para a alimentação. As moradias são construídas em alvenaria. As casas de barro vêm sendo substituídas aos poucos, com base em projetos envolvendo práticas e políticas de saúde, para o controle de endemias, sob orientação da Secretaria de Saúde Indígena – SESAI (Truká, 2007).

Os Truká estão expostos a projetos governamentais gigantescos, construídos e em construção tendo o lucro e o suposto desenvolvimento

econômico como prioridades para o futuro, deixando os chamados povos tradicionais e ribeirinhos, vivendo uma relação de respeito com a Natureza, à margem de decisões.

Cercados pelas águas do Rio São Francisco, no Arquipélago de Assunção, os Truká têm uma conexão direta com a Natureza, participando ativamente em ações envolvendo mobilizações pela vida do/no rio e com isso garantindo da identidade. Entre essas mobilizações está a resistência aos projetos de construção de barragens, como no caso de Riacho Seco, os problemas provocados com a operação da Barragem de Sobradinho e a construção do Eixo Norte do Canal da Transposição do Rio São Francisco (Figura 1), impactando bastante vida do/no rio e, por consequência a vida Truká (Souza, 2020; França, 2020).



Figura 1: Projetos pensados em volta do território Truká.

Fonte: Scott, 2020. p. 206.

Mesmo com muitas mobilizações de indígenas, ribeirinhos e outras organizações, os projetos vêm sendo efetivados, envolvendo conflitos e situações provocando danos irreparáveis para os envolvidos. Por outro lado, sendo importante destacar a ação de pesquisas e colaboração antropológica e afins, contribuindo com as mobilizações indígenas, na proteção e preservação destes ambientes (Scott, 2020).

Para Sachs (2002), os movimentos sociais como um todo, possibilitam espaços políticos para o surgimento de condições ecológicas alicerçando um desenvolvimento sustentável dos povos habitando o planeta, uma vez que cada espaço demanda uma necessidade específica para a consolidação. E dessa forma, pensar o desenvolvimento humano levando em conta suas implicações para o domínio do “meio ambiente” acarreta a necessidade da interdisciplinaridade (Floriani, 2009, p. 196).

As reflexões acerca da convivência com o ambiente têm sido de grande importância para a sociedade global, certos que vivemos em um sistema de interdependência. Segundo Gomes (2014), alguns tratos socioculturais inadequados, ou seja, técnicas fragilizadas são responsáveis pelo aumento de problemas ambientais e sociais, podendo ocasionar o aceleramento da desertificação, o assoreamento dos rios e a insegurança alimentar.

O povo Truká, assim com os diversos povos indígenas no Brasil, tem se destacado no cuidado e preservação do ambiente, e o como, e o porquê, tem sido um ponto de estudo a respeito destes significados, os tratos socioculturais empregados na convivência com a Natureza fazendo parte do dia a dia. Neste ponto, é conveniente se pensar acerca das dinâmicas da socialização, de conhecimentos evidenciadas nestes contextos, na busca por compreender que o comportamento humano com relação ao ambiente é herdado de várias formas e não somente geneticamente.

Segundo Albuquerque *et al* (2020), compreender como, quando, o que e de quem as informações são socializadas é de extrema importância para evolução dos sistemas de conhecimento, contribuindo na boa relação entre as pessoas e o ambiente, a conservação da biodiversidade e as mudanças na história.

O quadro a seguir (Quadro 1) apresenta, nos artigos pesquisados, aspectos entrelaçados nas vivências Truká, e fazendo parte dos conhecimentos socializados nas gerações sucessivas (Albuquerque *et al*, 2020), devido, a necessidade de uma engrenagem para esse fim, compreendendo a necessidade de afirmação da vida, mas, antes de tudo por conta do modo de ser indígena.

Quadro 1: Indicação eventuais conhecimentos compartilhados pelos Truká para sustentabilidade no ambiente, a partir das análises textuais

AUTORES/ANO	SUSTENTABILIDADE
El-Deir, 2016	Escola como espaço de fortalecimento sociocultural;
Pina, 2016	Garantir a afirmação da vida do povo;
Pereira, Florêncio, Santos, 2022	Cuidado com o ambiente;
Araújo, 2013	Conhecimentos socializados de geração em geração;
Marques, Viana, Marques, 2018	Cuidar do Rio São Francisco;
Juruna, 2013	Conhecimentos ancestrais / ancestralidade espiritual / Fé;
Souza, 2020	Defender os direitos;
Marques, 2012	Natureza como morada sagrada;
Paes, 2009	Ecodesenvolvimento indígena / Sustentabilidade;
Gomes, 2014	Jeito de ser e pensar;
Scott, 2020	Preservar a Natureza;
França, 2020	Cuidados com a saúde coletiva;

Os traços culturais (expressões socioculturais) foram classificados por Albuquerque *et al* (2020) em: *vertical* (pais para os filhos); *horizontal* (entre indivíduos da mesma geração); *oblíqua* (entre gerações, adulto não parentais); *um para muitos* (de um professor, um líder, uma mídia para muitos indivíduos) e *muitos para um* (membros mais antigos para os novos do grupo social).

Scott (2020), ao apresentar as questões sobre os empreendimentos como a Transposição do Rio São Francisco, a Barragem de Riacho Seco e o Projeto de linha de transmissão hidrelétrica, impactando diretamente o povo Truká, na Ilha da Assunção em Pernambuco e o povo Tumbalalá, em Abaré e Curaçá, na Bahia, ressaltou a união entre os povos e a pesquisa antropológica de qualidade, contribuindo para a oportunidade de manutenção destes espaços de comunhão e busca sustentável.

Adaptar-se a novas e variadas situações de aprendizagens ajudam a fortalecer os processos de aperfeiçoamento na estrutura societária Truká e assim garantindo a sustentabilidade do povo indígena, como apontado por Florêncio e Santos em relação às novas epistemologias elaboradas por professores/as e pesquisadores/as Truká (2022).

El-Deir (2016), em estudo referente às tecnologias sociais para a sustentabilidade, apresentou uma série de ideias para implementar essas práticas não somente no dia a dia escolar, mas também nas vivências indígenas e não-índigenas. E Souza (2020) fez uma leitura a respeito do projeto da Transposição do rio São Francisco e das mobilizações e contrárias chamando a atenção que esse empreendimento não provoque um desastroso processo de apagamento histórico e socioambiental de comunidades ribeirinhas.

Cuidar do rio tem sido uma preocupação para os povos originários, uma vez que dependem diretamente dele e têm com este uma interação física e cósmica, considerando que os rios são vistos como veias fundamentais para existência da Mãe Terra, a Natureza Sagrada. Nessa perspectiva, Marques, Viana e Marques (2018) afirmaram que o rio São Francisco, assim como em outros rios no mundo, ocorre um modelo societário desastroso, pois os sujeitos que dependem dos rios não viabilizam um lugar de cuidado para os cursos d'água, onde as necessidades sejam consideradas, com um planejamento contínuo a ser vivenciado.

Para Paes (2009), as alternativas provocando um desenvolvimento sustentável permeiam ações criativas e inovadoras, apoiadas nas muitas dimensões da sustentabilidade como a sociocultural, a ambiental e a política. Fazendo uso dos recursos ambientais, preservando-os para o amanhã das futuras gerações.

Em um estudo aprofundado a respeito da ecologia da alma, Marques (2012) apresentou contribuições significativas sobre os olhares que nos cercam e a necessidade de ver, evidenciando os conhecimentos indígenas nos contatos com a Natureza e o sagrado revelador. “Não há outro caminho na corda bamba da experiência humana sobre o Planeta senão uma revolução da alma e do espírito”. (Marques, 2012, p. 32).

Nessa empreitada, os povos indígenas seguem deixando para a humanidade contribuições na passagem por nosso planeta, endossando aprendizagens e ensinamentos ao longo do tempo, quer seja para os seus, quer seja para os demais herdeiros/as desses conhecimentos ancestrais.

Considerações Finais

Referente ao cuidado com o meio ambiente foi possível compreender que partilhar aprendizagens de responsabilidade e experiências exitosas de cuidado, tem sido a meta de muitos/as no planeta, observar como se constituem e como são benéficas tem sido uma das metas principais. Os indígenas têm contribuído com os conhecimentos tradicionais de contato com a Natureza. A Etnobiologia evolutiva tem se apoiado nestas vivências para fortalecer teorias fundamentais para convivência harmoniosa entre o ser humano e a Natureza, permanecendo em um mesmo sentido, uma vez que a alma e o espírito não se dissociam do corpo.

Gestar práticas econômicas e socioculturais com preceitos sustentáveis tem sido um dos maiores desafios da humanidade, é necessário buscar caminhos para resolver as questões envolvendo as alterações no habitar como um primeiro passo para organizar as mesas de negociações, obrigando-nos a nos posicionar efetivamente e em nome do benefício de todos. É preciso escolher entre o necessário – o que se tem – e o que se quer ter, lembrando que menos pode significar mais, em relação ao uso correto dos recursos naturais, esgotáveis.

No tocante as expressões socioculturais Truká verificou-se que seus conhecimentos estimulam o cuidado com o ambiente, fortalecendo identidades de trocas construtivas entre o ser humano e a Natureza, estes devem ser compreendidos e divulgados, para que uma sociedade se torne sensível às reais necessidades.

No território Truká, a escola, a juventude, os/as idoso/as, as lideranças e os espaços utilizados para se promover educação no povo, são essenciais nas dinâmicas de socialização dos conhecimentos, possibilitando assim o fortalecimento étnico constituído. Vivendo às margens do rio São Francisco, o povo Truká agradece à mãe Natureza pela presença constante no território, local onde cuidam e vivem a territorialidade, nascida e permanecendo sustentada no cuidado com o ambiente, que ao longo de anos, vem sendo exposto a graves tormentas com a implantação de projetos supostamente desenvolvimentistas. Pensar em gestão implica diretamente em questionar a economia e política baseadas em projetos, planejamentos com foco na utilização dos recursos

naturais, fortalecendo uma bandeira contínua e sustentável, indispensável ao bem comum dos povos indígenas na sociedade.

Referências

ALBUQUERQUE, U. P. et al. **Breve introdução à Etnobiologia evolutiva**. Recife, PE: Nupeea, 2020.

ARAÚJO, R. C. **Educação Escolar Indígena Intercultural e a sustentabilidade territorial**: uma abordagem histórica sobre as Escolas Indígenas Capitão Francisco Rodelas e Pataxó Coroa Vermelha. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia. Salvador. 2013. 140 f.

BATISTA, M. R. R. **O desencantamento da aldeia**. Exercício antropológico a partir do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Truká. FUNAI, Brasília. **Revista de Estudos e Pesquisas**. v.1, n. 2, 2004, p. 157-247.

BRASIL. **Estatuto do Índio. Lei nº 6.001**, de 19 de dezembro de 1973. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm Acesso em: 27 dez. 2017.

DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ-NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (organizadora) Petrópolis, R: Vozes, 1994.

DIMAS FLORIANI. Educação ambiental e epistemologia: conhecimento e prática de fronteira ou uma disciplina a mais? **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 4, n. 2, p. 191-202, 2009.

EL-DEIR, S. G. **Tecnologias sociais para a sustentabilidade**. Recife: EDUFRPE, 2016. 252 p.

FLORÊNCIO, R. R. (Org.) **Nossas vozes indígenas**: professoras e professores Truká. Petrolina: Editora Oxente, 2021.

FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. **Povo indígena Truká**: Mobilizações, retomadas territoriais, migrações e afirmação cultural. In: SANTOS, C. A. B. (org.). História ambiental, história indígena e relações socioambientais no Semiárido. Paulo Afonso: SABEH, 2018, p. 61-70.

FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. Interculturalidade e (re)existência: Educação Escolar Indígena nas aldeias da região do Opará – Pernambuco. **Revista Dialogia** (UNINOVE), n. 43, jan./abr., 2023, p.1-17.

FRANÇA, R. C. M. **Injustiça Ambiental e os principais efeitos à saúde dos povos indígenas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento,

Sociedade e Cooperação Internacional). Universidade de Brasília. Brasília, 2020 80f.: il.

GOMES, F. de V. **A seca no Nordeste: uma análise sobre os possíveis impactos ambientais da implantação do projeto da transposição do Rio São Francisco.** 2014. 78 F. (Trabalho de Conclusão de Curso - Relatório de Estágio Supervisionado), Curso de Administração, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2014.

SACHS. I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** STROH. P. y. (ORG). Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

JURUMA, S. R de C. **Sabedoria ancestral em movimento: perspectiva para a Sustentabilidade.** Brasília-DF, 2013. 85p. il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LEFF, E. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARQUES, J. **Ecologia da Alma.** Petrolina: Franciscana, 2012. 64p.

MARQUES, J. **A vida do novo Chico depois da morte do velho: gotas de esperança** in: O encolhimento das águas: O que se vê e o que se diz sobre crise hídrica e convivência com o seminário. In: SANTOS, A. P. S.; ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A.; BRAGA, R. A. P. (org.). Campina grande: Insa, 344p. 2018.

NOGUEIRA, E. M. S., ANDRADE, M. J. G.; MOURA, G. J. B. e SANTOS, C. A. B. (orgs.). **Conservação dos recursos naturais.** Paulo Afonso: SABEH, 2016.

PAES, Reginaldo Alves. **Alternativas para o desenvolvimento sustentável do Submédio São Francisco,** Brasília, 2009, 156p.: il. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

SCOTT, P. Etnicidade e ambiente em projetos de desenvolvimento no submédio São Francisco. **Revista Raízes, Campina Grande**, v. 40, n. 2, jul./dez.2020, p. 204-227.

PEREIRA, A. L. S; FLORÊNCIO, R. R; SANTOS, C. A. B. Educação Indígena: Relação Identitária dos Truká com a Caatinga. **Rev. FSA, Teresina**, v.19, n. 8, art.10, p. 213-231, ago. 2022.

PINA, J. H. A. **Bacias hidrográficas e unidades de conservação no Brasil: um estudo sobre as dificuldades e perspectivas para uma gestão integrada.** 2016. 162 f.: il. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVA, H. S., JÚNIOR, N. K. As políticas públicas e o protagonismo indígena: Uma interlocução necessária. **Revista Direitos Culturais.** Santo Ângelo, v. 13. n. 31, p. 19-42 set./dez. 2018.

SILVA, G. F. **Com a Palavra o Cacique**. In: FLORÊNCIO, R. R. (Org.) **Nossas Vozes indígenas** - Professoras e Professores Truká. Petrolina: Editora Oxente, 2021. p. 103-111.

SOUSA, M. F. O. **As marcas da transposição do Rio São Francisco: acesso à água, conflitos socioambientais e desenvolvimento no município de São José de Piranhas**- PB. Natal, 2020. 128f.: il. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020

CAPÍTULO 3

TRUKÁ: IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA NA ILHA DA ASSUNÇÃO.

Artigo publicado na Revista Cadernos Cajuína.

Artenizia Luiza da Silva Pereira – Artenizia Truká

Discente de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro, Bahia, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-000238052901>.

Email: artenizialuizadaspereira@gmail.com

Roberto Remígio Florêncio

Dr. em Educação. Instituto Federal de Educação Sertão Pernambucano (IFSERTÃO), campus Petrolina Zona Rural. Pernambuco, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3590-9022>

Email: betoremigio@yahoo.com.br

Carlos Alberto Batista Santos

Dr. em Etnobiologia e Conservação da Natureza.

Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Juazeiro, Bahia, Brasil).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>.

Email: cabsantos@uneb.br

Somos apenas guardiões da natureza, guardiões da terra, devemos guardar, preservar e cuidar da terra, da mata e das águas (Tiago Adão, Liderança, representante da Juventude Truká).

Resumo

Na primeira década do século XXI, o Povo indígena Truká através de um processo de retomada, conseguiu reaver todo o território da Ilha da Assunção (Cabrobó/PE) das mãos dos posseiros, esse contexto constitui movimentos de reafirmação identitária que envolvem diversas questões políticas, sociais e culturais contemporâneas. A construção do presente texto visa analisar a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus territórios. A pesquisa objetiva compreender as vivências Truká e suas relações identitárias pós retomadas e foi desenvolvida com base na análise do *corpus* e a partir da categorização, distribuição de códigos, inferência, descrição e interpretação dos dados, dentre as narrativas das lutas, retomadas, cultura, sentimentos de pertencimento e identidade das lideranças indígenas locais. A análise dos códigos e

documentações por meio do gerenciador evidenciou em 30 entrevistas realizadas, 11 categorias e 1.304 códigos, destacando-se as ações coletivas com 15,4% dos códigos, relação com a terra 14%, pertencimento 11,6%, tradições 10,5%, cultura 10,3% e saberes com 10,3%, estabelecendo uma ligação entre as tradições e coletividades, construídas e em construção, que representam os eixos da identidade Truká na atualidade.

Palavras-chave: Etno-história. Territorialidade. Povos originários em Pernambuco. Ilha da Assunção.

Abstract

In the first decade of the 21st century, the Truká indigenous people, through a process of repossession, managed to recover the entire territory of Assunção Island (Cabrobó/PE) from the hands of squatters. This context constitutes movements of identity reaffirmation that involve several contemporary political, social and cultural issues. The construction of this text aims to analyze the relationship of the Truká with the land after the reconquest of their territories. The research aims to understand the Truká experiences and their identity relations after the repossessions and was developed based on the analysis of the corpus and from the categorization, distribution of codes, inference, description and interpretation of the data, among the narratives of the struggles, repossessions, culture, feelings of belonging and identity of the local indigenous leaders. The analysis of codes and documentation through the manager revealed, in 30 interviews conducted, 11 categories and 1,304 codes, highlighting collective actions with 15.4% of the codes, relationship with the land 14%, belonging 11.6%, traditions 10.5%, culture 10.3% and knowledge with 10.3%, establishing a link between traditions and collectivities, built and under construction, which represent the axes of the Truká identity today.

Keywords: Ethnohistory. Territoriality. Indigenous peoples in Pernambuco. Assunção Island.

Resumén

En la primera década del siglo XXI, el pueblo indígena Truká, a través de un proceso de recuperación, logró recuperar todo el territorio de la Isla de Assunção (Cabrobó/PE) de manos de los ocupantes ilegales, este contexto constituye movimientos de reafirmación identitaria que involucran varias cuestiones políticas, cuestiones sociales y culturales contemporáneas. La construcción de este texto tiene como objetivo analizar la relación de los Truká con la tierra luego de la reconquista de sus territorios. La investigación tiene como objetivo comprender las experiencias Truká y sus relaciones identitarias post-reanudación y se desarrolló a partir del análisis del corpus y a partir de la categorización, distribución de códigos, inferencia, descripción e interpretación de datos, entre las narrativas de luchas, reanudaciones, cultura, sentimiento de pertenencia e identidad de los líderes indígenas locales. El análisis de códigos y documentación a través del gestor reveló en 30 entrevistas realizadas, 11 categorías y 1.304 códigos, destacando acciones colectivas con el 15,4% de códigos, relación con la tierra 14%, pertenencia 11,6%, tradiciones 10,5%, cultura 10,3% y conocimiento 10,3%, estableciendo un vínculo entre tradiciones y comunidades, construídas y en construcción, que representan los ejes de la identidad Truká hoy.

Palabras clave: Etnohistoria. Territorialidad. Pueblo originario de Pernambuco. Isla de la Asunción.

Introdução

As reflexões sobre o que é identidade e como ela se constitui tem sido frequentes na contemporaneidade, uma vez que se percebe uma tendência social de crises identitárias (Hall, 1990). No Brasil os Povos originários formam uma rica diversidade de étnicas e conseqüentemente evocam formas diferentes de viver e conviver, tendo como base relações de convivência em um território tido como sagrado (Florêncio; Abib, 2022), visto com um espaço de contribuições e colaborações mútuas (Santos, 2016). Desde a chegada dos colonizadores, estes enfrentam lutas que desfavorecem a continuidade dessas relações, abrindo caminhos para investigações a esse respeito, pontuando a importância do protagonismo da historiografia dos povos originários, suas identidades e contribuições a humanidade (Sachs, 1993).

O presente texto é de autoria de uma indígena que adentra o espaço acadêmico, na luta para representar e contribuir com as questões indígenas, trazendo à luz da ciência não-indígena, conhecimentos surgidos a partir das experiências iniciadas no chão da aldeia, onde os primeiros passos nos caminhos da pesquisa, foi escrever de forma coletiva com outras professoras, do ponto de vista indígena, a sua história, participando dos ritos necessários a uma escrita viva, tendo como principal objetivo fortalecer a cultura e as tradições Truká. A descrição dessa história pode ser acessada na obra “No Reino da Assunção Reina Truká” (Truká, 2007).

Essa nova missão a qual me dispus traz consigo a construção de uma ciência acompanhada de muita seriedade e ética em sua construção, objetivando empoderar a participação indígena nos meios acadêmicos, o que é possível e urgente, como nos diz a premissa dos nossos movimentos sociais: “nunca mais sobre nós, sem nós”.

A diversidade de territórios (construções coletivas) como de tradições, foram reconhecidas há pouco tempo oficialmente pelo Estado brasileiro, potencializando retrocessos nas relações naturais de vivências territoriais destes povos, interferindo nas relações de representatividades e identidades culturais por todo o país (Silva, 2008). A busca pela compreensão sobre a identidade dos

povos indígenas é fator indispensável à integridade destes, pois a aldeia (terra indígena) funciona como ponto de referência de sua ancestralidade e continuidade histórica.

Existem várias tendências sobre o que é mais aceitável quando se busca uma receita para a construção de um contexto específico e matriz ao estudo sobre identidade na contemporaneidade, porém é necessário estimular as peças que envolvem esse complexo quebra-cabeça, já que a vida em sociedade tem vivenciado grandes transformações. Um exemplo das lutas e transformações que envolvem os Truká refere-se à resistência aos projetos de construção de barragens, como no caso de Riacho Seco, os problemas provocados com a operação da Barragem de Sobradinho e a construção do Eixo Norte do Canal da Transposição do Rio São Francisco, que vem impactando a vida do/no rio e, por consequência a vida Truká (Barbosa; Santos, 2018). A pesquisadora Mércia Batista (2005) antecipa que o pós-retomada se confronta com uma realidade diferente e que o novo momento vivenciado traria novas demandas e situações.

Afirmando suas identidades, os sujeitos indígenas lutam pelos direitos de manutenção de suas terras e, em alguns casos, a recuperação de suas terras, perdidas nos processos de invasão e colonização (Almeida, 2013). As novas necessidades abrem espaços para o surgimento de recriação de identidades, culturas e histórias, vindas através do contato com outros grupos étnicos e sociais.

Os estudos referentes às vivências Truká se dão no campo da representatividade do grupo a partir da literatura estudada, nos trabalhos dos pesquisadores Batista (2005), Santos (2016), Barbosa e Santos (2018), Florêncio (2020), Pereira *et al* (2023) e do próprio povo (Truká, 2007), que, em seus textos, evidenciam o cotidiano Truká e suas relações político-sociais e ambientais.

Para tratar das questões do contexto identitário dos povos indígenas no Brasil, no Nordeste e especificamente a respeito da identidade Truká na contemporaneidade, mergulhou-se nos escritos de Lévi-Strauss (1945), Stuart Hall (1990, 2006), Silva (2008) e Taylor e Viveiro de Castro (2019), os quais se dedicaram a compreender como a identidade se dá no meio social e como vem se construindo ao longo do tempo, pontos necessários para o entendimento da questão: Qual a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus

territórios? Assim, a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), poderemos analisar as falas das lideranças e compreender as vivências Truká e suas relações identitárias pós retomadas.

Identidade indígena: Conceitos, reflexões e historicidade

Falar a respeito da identidade indígena e sua contemporaneidade nos levou a uma pesquisa profunda para compreender o que a historiografia e a etnografia têm conversado e exposto. O século XXI está sendo marcado como um momento que pede a abertura de mentes e conhecimentos maduros acerca do outro e suas vivências. As novas tecnologias de comunicação e interações abrem espaço para que as sociedades se mostrem e exponham suas visões de mundo e ideias para continuidades de culturas e olhares.

Oliveira (1976), no livro *Identidade, etnia e estrutura social*⁵, analisa as formas e características tradicionais no estudo antropológico necessárias para identificação de um grupo étnico, citando Fredrik Barth (1969), pontuando o que deve ser investigado: 1 – os meios biológicos; 2 – valores culturais explícitos; 3 – comunicação e interação grupal; 4 – ter um grupo que se identifica e é identificado por outros da categoria da mesma ordem (Oliveira, 1976).

Estariam as identidades étnicas nas mãos rígidas de conceitos enquadrantes das dinâmicas culturais, as quais os povos foram expostos ao longo do tempo? Na tentativa de elucidar o questionamento, Oliveira (1976) afirma a importância da compreensão da identidade como um fenômeno bidimensional, que agregue conhecimentos aos processos de identificação e das realidades socioculturais.

Hall (1990), em seus estudos sobre as teorias sociais e a respeito da identidade, aponta que as percepções “velhas”, firmadas nas sociedades europeias e introduzidas nos estudos étnicos, estão em declínio, dando espaço a um indivíduo moderno como um sujeito do seu tempo, e que essas mudanças acontecem desde o final do século XX. O autor defende que a identidade vai se construindo de acordo com as movimentações sociais e, assim, os vários

⁵ OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais - Universidade Federal de Brasília. Ed. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1976.

sujeitos vão acontecendo. A História destaca os comportamentos e as ambições desse homem, sendo a identidade uma questão, por este se encontrar em crise (Hall, 1990).

Ainda segundo Hall (1990), existem três tipos de sujeitos: o do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno, sendo estas concepções diferentes de identidade. Hall considera que o sujeito do Iluminismo tinha como base e concepção um indivíduo centrado, dotado de capacidade de razão, que vinha de um processo sociocultural de submissão ao senhor e incapacidade científica, na época em que a fé era doutrina vigente e condicionava o homem a ter postura de aceitação de ordens inegociáveis.

O sujeito sociológico seria formado a partir das relações com os outros, nas interações simbólicas e criativas manifestas no meio de convívio, preenchendo o que chamou de mundo pessoal e mundo público. As mudanças estruturais e institucionais são apontadas como um dos principais motivos para as transformações desta identidade. O sujeito pós-moderno surge com uma identidade transformada e em transformação, dependente dos sistemas culturais compartilhados em seu entorno, não contendo uma identidade fixa, exposta ao contraditório, tida como decorrentes da significação do momento, passível às mudanças, à globalização na modernidade e tida como um fator de impacto destas transformações identitárias (Hall, 1990).

A crença de que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, advertem que as rupturas do conhecimento na segunda metade do século XX são tidas como responsáveis pela descentralização do sujeito e assim de sua identidade. Hall (1990) aponta cinco motivações para isso: a primeira estaria na reinterpretação dos pensamentos marxistas, onde os indivíduos não podiam ser autores de suas histórias e que deveriam agir dentro de condições criadas por gerações anteriores, gerando uma dependência criativa. A segunda centraria no pensamento ocidental da descoberta do inconsciente por Freud, consistindo que a identidade, assim como a sexualidade e desejos são formados por processos psíquicos do inconsciente, marcado pela necessidade da aprendizagem gradual, modificando as lógicas postas do funcionamento da razão do existir, pondo a prova o entendimento do “eu”, vindo desde o nascimento até a vida adulta (Hall, 1990). A terceira motivação estaria na língua (com base nos estudos do linguista Ferdinand de Saussure) que é tida como um sistema social que guarda

significados, construídos a partir dos sistemas culturais e não individuais das pessoas. A quarta motivação provém dos trabalhos de Foucault, que segundo Hall, coloca o poder disciplinar como primordial nas regulações responsáveis pelo governo da espécie humana, do indivíduo e do corpo, deixando o homem um sujeito dócil (apto, adaptado) às vivências em sociedade. E, a quinta teria como base o impacto do feminismo e a consolidação de suas lutas, que romperam estruturais sociais quase inabaláveis, e os diversos movimentos sociais em constante dinamismo. Assim, Hall (1990) define a concepção na modernidade do sujeito e a questão da identidade.

Almeida (2013) contextualiza que, na perspectiva assimilacionista da Antropologia de outrora, o indígena integrado ao processo de colonização era tido como aculturado, retirado de suas raízes, perdido das concepções do ser índio, pronto para servir a uma cultura e identidade mestiça. Integrados, os nativos perdem a possibilidade de resistência.

No interior do sertão, a localização das aldeias indígenas conduzia no imaginário social não-indígena a uma identidade do século XVI ao XIX, devido aos confrontos entre europeus e indígenas nas chamadas “Guerras Bárbaras”. Os sertões eram tidos pelo colonizador como espaço de desordem, habitados por selvagens. A igreja se alia ao império para catequização e criação de novos aldeamentos, buscando relações de alianças, para conseguir suas terras, os alimentos e mão de obra a serviço da coroa, as missões religiosas, além de expandir sua doutrina, prestaram o serviço de abrir fronteiras e criar identidades subservientes aos interesses dos invasores, próprias ao estabelecimento do poder nos sertões (Almeida, 2013).

Cardoso de Oliveira (2000) aponta a visibilidade da temática da identidade indígena nos últimos anos, dentro das ciências sociais, observada como um objeto de investigação antropológico ou sociológico, onde o alcance de sua compreensão requer contextualizá-lo no interior das sociedades que as abrigam, salientando os nós como instâncias empíricas em que identidades globalizadoras se manifestam em crise (Cardoso de Oliveira, 2000 p. 8).

Para compreensão dessas crises e seus descaminhos aponta que o processo de identificação individual, grupal ou coletiva, se dá pelo condicionamento da sociedade envolvente, interação que acontece de forma simples embora complexa em bases e contextos sociais comuns, envolvendo

etnicidade e diferenças culturais como variáveis, fundindo a identidade étnica como identidade contrastiva — de conformidade, como nos ensina a teoria barthiana relativa ao processo de identificação étnica (cf. Barth, 1969; In Cardoso de Oliveira, 2000 p. 8).

Como fronteira no processo identitário, Cardoso de Oliveira (2000) identifica alguns marcadores que incluímos/excluimos como referência de operadores simbólicos: a terra (nós e os outros), a história (reais ou lendas), o sangue (ancestralidade genética), a língua (identificação univocal), a propriedade (individual ou comunitária), estes obtidos como resultado do acúmulo histórico, e tidos como essenciais à construção da cidadania e essência da identidade.

Material e método

Área de estudo

O território sagrado do Povo Truká estudado nesta pesquisa está localizado na Ilha de Assunção, município de Cabrobó, Pernambuco, semiárido nordestino, região do submédio São Francisco. É sabido que este povo tem um histórico de permanência nesta área por mais de trezentos anos (Batista, 2005; Remígio; Abib, 2022), vivenciando vários conflitos pela manutenção do território, chegando a ter este tomado e retomado, ao longo desse processo (Truká, 2007).

Instrumentos de Coleta de Dados

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que apresenta dados quantitativos, visando potencializar o uso de ferramentas diversas nas análises em ciências sociais e humanas.

Para realização do trabalho seguiu-se uma sequência organizacional e resolutiva apoiada na leitura inicial a respeito da temática a ser desenvolvida, buscando compreender as teorias envolvidas, sendo acessada por livros e artigos da autoria de pesquisadores indígenas, objetivando colaborar com o protagonismo indígena acerca de seus conhecimentos e entendimentos sobre

identidade étnica bem como o estabelecimento de suas conquistas e desafios, valorizando suas falas e proposições.

Foram realizadas entrevistas e aplicados questionários com grupos pré-definidos: pessoas do povo maiores de 18 anos, professores, lideranças, jovens (homens e mulheres). As entrevistas após leitura detalhada foram transcritas.

Análise de Dados

A análise das entrevistas foi realizada na plataforma ATLAS.ti 23, sendo separadas as Unidades de Registro, para criação de categorias.

Objetivando compreender as vivências Truká mediante as relações identitárias pós retomadas. Esta pesquisa foi desenvolvida com base na análise do *corpus*, a transcrição das entrevistas organizadas mediante procedimentos baseados em noções, temas e categorias previamente definidos, desenvolvido pela análise de conteúdo de acordo com a fundamentação de Bardin (2016), a partir da categorização, inferência, descrição e interpretação dos dados, dentre as narrativas das lutas, retomadas, cultura, sentimentos de pertencimento e identidade dos informantes.

A Análise de Conteúdo aqui apresentada, tem por natureza uma análise temática, contribuindo para os debates historiográficos e os encontros com outras áreas de conhecimento. Tendo como pergunta: Qual a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus territórios? Objetivando: a partir de uma Análise de Conteúdo, seguindo os estudos de Bardin (2016), compreender as vivências Truká e suas relações identitárias pós retomadas.

Seguiu-se a construção e análise da nuvem de palavras, análise da frequência de palavras, gerenciamento de códigos e documentações, para relacionar as entrevistas, categorias e códigos.

Foi realizada também a análise das ocorrências de códigos, verificando a significação e equivalências apresentadas, sendo realizado o gerenciamento de códigos e elaboração dos gráficos procedendo-se a medição de magnitude (grandeza) e densidade (grau de concentração), sendo elaborados diagramas com categorias e códigos, trabalhadas no processo de análise de conteúdo, como possíveis aspectos da identidade Truká.

B



Fonte: Os autores, 2024.

No livro *Povos Indígenas de Pernambuco: Identidade, diversidade e conflito*⁶, os autores destacam que as identidades indígenas no Nordeste vivem cercadas de estereótipos, com a idealização de um indígena com traços voltados ao período anterior à colonização, porém as dinâmicas contemporâneas têm apontado povos e protagonismos carregados de experiências contrárias a especulações ainda reproduzidas (Athias, 2007).

Fialho (2007) informa que as associações comunitárias em territórios indígenas carregam preocupações que não são comuns às associações não-indígenas, sendo comum a preocupação em preservar a cultura, manter a identidade, ensinamento das danças, respeito aos costumes, busca por igualdade de direitos e busca pelo direito originário a terra. A autora exemplifica, com a experiência das associações Xukuru, que além das preocupações já citadas, incluem decisões políticas, projeto de vida e articulações de movimentações territoriais.

No relatório e citações, foi possível apontar o Toré, ritual presente na religiosidade dos povos originários no Nordeste, como uma tradição iniciada

⁶ Athias, R. (Org.). **Povos Indígenas de Pernambuco: Identidade, diversidade e conflitos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. P. 242: il., tab.

pelos mais velhos, colocado como sendo um alimento pra alma, dando a ideia de um ser em construção. Seu Dão de Quinca, que já foi Cacique e atualmente é uma imponente liderança do povo Truká, fala a respeito da importância do indígena saber sua história e tradição, enfatiza que a história contada pelo branco (termo utilizado para se referir ao não-indígena) era do ponto de vista dele, e devemos valorizar o ponto de vista do indígena a respeito de sua própria história.

Os Encantados (seres sagrados) atuam nas ações realizadas dentro e fora da aldeia, ligando-se à construção e continuidade do povo.

A análise dos códigos e documentações por meio do gerenciador (Tabela 01) demonstra nas trinta entrevistas realizadas, 11 categorias e 1.304 códigos, correspondendo a Ações Coletivas com 201 códigos (15,4%), Cultura 134 (10,3%), Dinamicidade 83 (6,3%), Estratégias de lutas 64 (4,9%), Pertencimento 151 (11,6%), Relações com a terra 183 (14,1%), Resistência 98(7,5%), Saberes 115 (8,8%), Tradições 138 (10,5%), Visão de futuro 60 (4,6%), e Visão Religiosa 79 (6%) dos códigos.

Mediante as entrevistas identificadas por D (Documento), mais o número correspondente a ordem de organização documental no Corpus, registrou-se os resultados: D1 (59 códigos), D2 (37 códigos), D3 (13 códigos), D4 (160 códigos), D5 (74 códigos), D6 (18 códigos), D7 (51 códigos), D8 (32 códigos), D9 (28 códigos), D10 (51 códigos), D11 (10 códigos), D12 (16 códigos), D13 (122 códigos), D14 (35 códigos), D15 (11 códigos), D16 (18 códigos), D17 (24 códigos), D18 (30 códigos), D19 (25 códigos), D20 (11 códigos), D21 (22 códigos), D22 (13 códigos), D23 (98 códigos), D24 (118 códigos), D25 (31 códigos), D26 (7 códigos), D27 (8 códigos), D28 (113 códigos), D29 (27 códigos) e D30 (42 códigos).

Tabela 01: Gerenciamento de Códigos e documentações.

Categorias	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	Totais
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30					
Ações coletivas	8	8	2	13	4	4	3	2	5	12	1	4	45	3	2	1	3	7	4	3	5	1	8	14	4	1	3	13	5	13				201	
Cultura	8	4	1	6	16	2	4	2	7	4	2	1	17	1			1	5	1	2	3		8	10	8		1	10	5	5				134	
Dinamicidade	2	1	1	8	5	1	5	2		1	1	3	5	10	1	2	3	2	5	1	2	1	1	9	1	1		8	1					83	
Estratégias de luta				9	3		1	1	1	3			7					3					3	12	2		1	11	3	4				64	
Pertencimento	12	4	3	30	4	2	10	7	6	6	3		8	1	4	4	4	1	1	1	4	2	11	7	2	1	1	7	1	4				151	
Relações com a terra	4	5	1	11	14	3	8	5		7	2	2	12		3	5	3	1	5		5	4	26	19	10	1	2	19	3	3				183	
Resistência	4	6	1	14	9	2	4	3	1	3	1		9	1	1	1	2	1	1	1	2	2	13	4		1		4	2	5				98	
Saberes	8	3	1	21	4	1	3	3	2	5		1	7	8		2	4	1	2	1		1	5	12	1	1		11	4	3				115	
Tradições	11	2	2	24	9	3	9	4	2	4			7	4		2		5		2	1	2	14	13	2	1		13						136	
Visão de mundo		1	1	12	3		1		3	4			4	6			2	4	2				5	3				2	2	5				60	
Visão Religiosa	2	3		12	3		3	3	1	2		5	1	1		1	2		4				4	15	1			15	1					79	
Totais	56	37	13	160	74	18	51	32	28	51	10	16	122	35	11	18	24	30	25	11	22	13	98	118	31	7	8	113	27	42			1304		

Fonte: Os autores, 2024

Os Líderes João Duardo, Bernadino, Acilon e Antônio Cirilo são lembrados como peças-chave para manutenção da identidade e cultura do Povo Truká. Eles “tombaram” (morreram) antes de terem suas terras retomadas, porém participaram de todo o processo que antecedeu a reconquista. Posteriormente, outros grandes Líderes, homens e mulheres, deram continuidade. As mulheres são citadas como pessoas importantes nos processos de retomada, na ciência, na transferência de conhecimento da aldeia e manutenção cultural.

A veia Prosterina, Neném, Rosa e veia Maria carro. Eram muitas mulheres que trabalhavam com nós nessa época, no trabalho da ciência, a ciência é o mistério (Pedro Alberto Truká, Liderança Ancião – Alto do Gavião em entrevista em 12/08/2023).

Compreende-se nas literaturas verificadas, que as crises identitárias contemporâneas rompem estruturas sociais quase inabaláveis, modificando o dinamismo recreativo e manifestos gerando (Hall,1990) sujeitos descentralizados. Remando de forma contrária, as mulheres indígenas são sinônimos de força e dedicação às causas, os movimentos e lutas que tem como base a terra e sua subsistência cria laços que reverberam a identidade destes povos. A entrevistada Pretinha Truká (Edilene Pajeú), é exemplo de luta e dedicação no povo Truká, desde muito cedo aprendeu com suas lideranças e mais velhos a importância do fortalecimento da aldeia, remando pra onde a natureza a leva, representante da COPIPE (Comissão de professores indígenas em Pernambuco) desde sua criação por volta do ano de 1999, articula com outros representantes dos demais povos Indígenas frente aos poderes públicos (Municipais, Estaduais e Federais) a respeito da causa e direito dos povos dentre os avanços e necessidades que envolvem também a terra, saúde, políticas públicas e sustentabilidade locais, sendo a mesma reconhecida e como uma articuladora ímpar na Educação Escolar Indígena Truká. Em entrevista Pretinha Truká, fala com clareza a respeito das necessidades do Povo Truká e a construção de sua sustentabilidade, colocando o chão da aldeia como ponto de partida para ações de gestão e política a serem implementadas.

E aí todo o trabalho de sustentabilidade, seja na educação, na saúde e na terra, ele tem que ser construído a parti do chão da aldeia, a parti do conhecimento de cada um dos mais velhos, de cada liderança, de cada agricultor, de cada agricultora, de cada

professor de cada jovem (Pretinha Truká, em entrevista em 25/08 /2024).

Almeida (2013) afirma que as sociedades tradicionais valorizam a aprendizagem e os símbolos experimentados no tempo, e essas práticas são passadas de geração em geração. No quadro de frequência (Quadro 01) foi possível verificar as 30 palavras mais citadas nas entrevistas, evidenciando uma frequência com alto potencial, indicando os aspectos sociais e vivências comuns aos entrevistados.

Quadro 01: de Frequência de palavras.

Frequências de Palavras		
Palavras	Quantidades	Frequência %
Gente	354	14,24%
Terra	285	11,46%
Povo	174	7,00%
Retomar	134	5,39%
Pai	121	4,87%
Índio	109	4,38%
Dia	94	3,78%
Ano	87	3,50%
História	84	3,38%
Deus	82	3,30%
Tempo	76	3,06%
Caçar	73	2,94%
Pessoa	72	2,90%
Lutar	64	2,57%
Ilha	62	2,49%
Território	60	2,41%
Vida	56	2,25%
Família	54	2,17%
Mundo	54	2,17%
Processar	53	2,13%
Aldeia	50	2,01%
Filho	48	1,93%
Roça	45	1,81%
Mãe	44	1,77%
Escola	42	1,69%
Comunidade	37	1,49%
Liderança	37	1,49%
Cultura	35	1,41%
Total	2486	100,00%

Fonte: Os autores, 2024.

Atualmente a palavra ser indígena ou originário tem sido motivo de orgulho para os povos, porém o incentivo a essa afirmação identitária passou por momentos difíceis, tendo em vista as invasões territoriais e as políticas que tinham como objetivo a “integração” do indígena a sociedade nacional, a terra

era o desejo dos senhores fazendeiros situados nos sertões. “Tenho orgulho de ser índio, eu tenho orgulho. E é isso que eu passo pra minhas filhas, minhas duas filhas” (Luzia Pachola, indígena Truká), assinala a entrevistada.

Segundo a professora de Arte-indígena Arleide Truká, hoje a autoidentificação é importante, compreendendo que a imagem do indígena muitas vezes é atrelada a “índios criados, inventados, ou imaginados”, sendo a história passada pelos mais velhos primordial ao fortalecimento da cultura e identidade.

Antigamente, nós tínhamos medo. Eu não sei se foi o seu tempo, o tempo de sua mãe, porque no meu tempo, que fui estudar na cidade, e alguns de nossos parentes aqui da aldeia. Se dissesse que era índio, na cidade de Cabrobó, passava muito preconceito e bullying (Arleide Truká, em entrevista 02/09/2023).

A Co-ocorrência de códigos (Tabela 02) apresenta por meio do cruzamento das categorias e seus respectivos códigos os interesses em comum manifestados pelos pesquisados, apresentando aqui a análise das três principais Co-ocorrências verificadas. Ações Coletivas com 201 códigos co-ocorre efetivamente com as categorias cultura em 55 códigos, pertencimento em 57códigos e em relações com a terra em 61 códigos.

Cultura com 134 códigos co-ocorre com ações coletivas em 55 códigos, pertencimento em 30 códigos e Relações com a terra em 31 códigos.

Dinamicidade com 83 códigos se co-ocorre com ações coletivas em 20 códigos, pertencimento em 25 códigos e tradições em 17 códigos.

Estratégias de lutas com 64 códigos co-ocorre com ações coletivas em 17 códigos, cultura em 11 códigos e saberes em 10 códigos.

Pertencimento com 151códigos co-ocorre com ações coletivas em 57 códigos, relações com a terra em 38 códigos e tradições em 39 códigos.

Relações com a terra com 183 códigos co-ocorre com ações coletivas em 61 códigos, pertencimento em 38 códigos e tradições em 31 códigos.

Resistência com 98 códigos co-ocorre com ações coletivas em 37 códigos, cultura em 28 códigos e pertencimento em 28 códigos.

Saberes com 115 códigos co-ocorre com Ações coletivas em 40 códigos, cultura em 29 códigos e relações com a terra em 30 códigos.

Tradições com 136 códigos co-ocorre com ações coletivas em 52 códigos, pertencimento em 39 códigos e relações com a terra em 31 códigos.

Visão de mundo com 60 códigos co-ocorre com ações coletivas em 21 códigos, cultura em 19 códigos e relações com a terra em 11 códigos.

Visão Religiosa com 79 códigos co-ocorre com ações coletiva em 14 códigos, relações com a terra em 21 códigos e saberes em 14 códigos.

Tabela 02: Co-ocorrência de códigos

Análise de Co-ocorrência de códigos

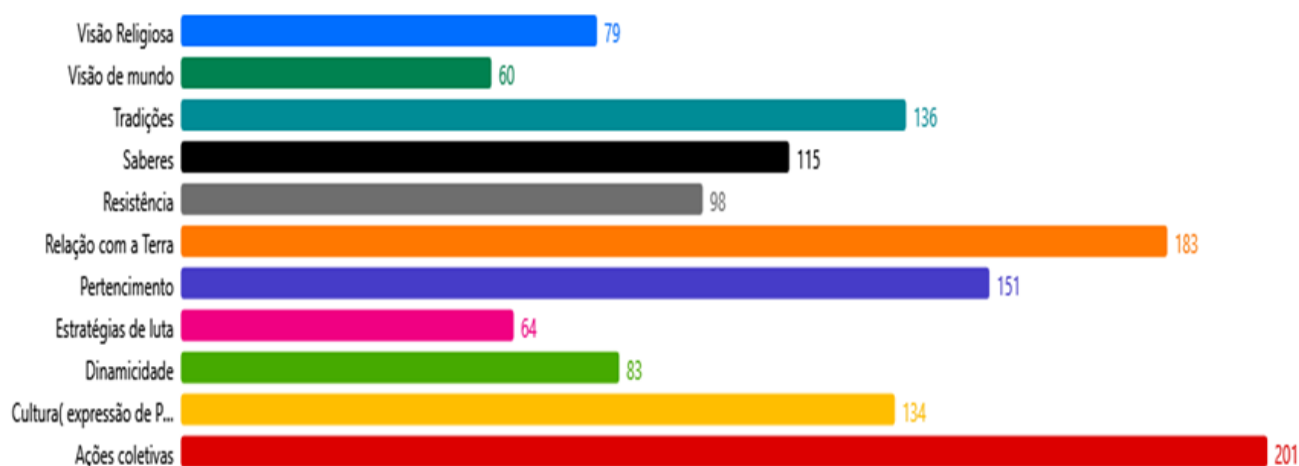
	Ações coletivas 201	Cultura 134	Dinamicidade 83	Estratégias de luta 64	Pertencimento 151	Relações com a terra 183	Resistência 98	Saberes 115	Tradições 136	Visão de mundo 60	Visão religiosa 79
Ações coletivas 201		55	20	17	57	61	37	40	52	21	14
Cultura 134	55		9	11	30	31	28	29	25	19	9
Dinamicidade 83	20	9		3	25	11	13	11	17	7	10
Estratégias de luta 64	17	11	3		8	6	4	10	4	8	5
Pertencimento 151	57	30	25	8		38	28	26	39	10	11
Relações com a terra 183	61	31	11	6	38		24	30	31	11	21
Resistência 98	37	28	13	4	28	24		21	26	6	7
Saberes 115	40	29	11	10	26	30	21		24	11	14
Tradições 136	52	25	17	4	39	31	26	24		9	12
Visão de Mundo 60	21	19	7	8	10	11	6	11	9		5
Visão religiosa 79	14	9	10	5	11	21	7	14	12	5	

Fonte: Os autores, 2024

“Todas as minhas memórias partem da ilha” (Cícera Antônia, professora Truká em entrevista 17/10/23). A ilha é tida como local sagrado e a coletividade apresentasse como necessária a construção da identidade Truká e fundamental nos embates sociopolíticos e territoriais do povo. A coletividade também é colocada nas ações que envolve a permanência na terra (Figura 02). O parentesco entre as famílias é apontado como inevitável no povo devido a convivência e laços entre as famílias ao longo do tempo, Lourdes de Teca (Liderança) reflete a respeito, indicando o fator com um aspecto presente e comum ao povo Truká.

Porque aqui nós todos somos parentes, minha filha, nós todos somos parentes. O meu pai era primo de seu pai. Aqui não tem boquinha, não (Lourdes de Teca, Liderança Lagoa Branca em entrevista 20/11/2023).

Figura 02: Gerenciador de Códigos



Fonte: Os autores, 2024.

Segundo Taylor e Viveiros de Castro (2019), o parentesco se constitui na construção mútua de uma corporeidade compartilhada, cercada de laços que cria determinações depositárias de uma consciência corporal feita de uma memória viva de interações com os seres, os lugares e os objetos familiares, espaços próprios e identitários aos seus pares.

E o nosso povo vem topando o desafio. Nós temos professores hoje em universidades, faculdades, temos professores nossos na Gré, temos professores nossos nas escolas estaduais do município, e que esses professores hoje têm a liberdade de assumir sua

identidade. Não é fácil ainda, que a gente sabe que não é fácil, porque a gente está entrando num sistema que vem de um ciclo vicioso e que as pessoas olhavam a nós indígenas, quilombolas, pequenos produtores rurais, como aquele ser incapaz inferior (Neguinho Truká, Cacique - área de retomada em entrevista 08/12/23).

A continuidade das lutas é um aspecto importante para os Truká, a cultura do aprender a fazer é citada como princípio em suas vivências, fazendo parte também de uma preocupação sobre a desvalorização e o fim das tradições no futuro.

Quando conversamos, quando refletimos, quando falamos da luta dos mais velhos, a gente está trazendo a história e garantindo que essa história não se perda ao longo do tempo. E esse é o nosso papel enquanto formador indígena, enquanto professor indígena (Cícera Antônia, professora Truká em entrevista 17/10/2023).

A Escola é citada como um espaço que cuida do futuro, resguardando aprendizagem vividas na comunidade, tendo como principal objetivo fortalecer a identidade, o professor é colocado como um agente cuidador dessa reafirmação. “Ela (a Escola Truká), tem uma função social, é fortalecer mesmo, né? Fortalecer a história, formar novas lideranças, novos professores indígenas, agentes de saúde indígenas, e vamos fazendo educação. Para a sustentabilidade do povo” (Aparecida - Cidinha Truká em entrevista 06/01/2024). Cícero Dorivan, liderança e professor, destaca que o trabalho com projetos voltados aos interesses da comunidade traz experiências grandiosas no seio escolar e que um encaminha ou dá luz a outro:

E aí a nossa horta alumiu outros projetos dentro da escola. Quando 5 anos depois a gente pensou em outro projeto, de pegar algumas mudas que estavam existindo na catanga e trazer para um espaço da escola, para fazer um centro de ervas medicinais e plantas nativas, para ser também um laboratório de pesquisa para os meninos, de arte indígena, para os professores da área de ciências e biologia. E aquilo vai acendendo outras luzes de responsabilidade com o nosso território também (Cícero Dorivan – Liderança Alto do Gavião e professor em entrevista 10/01/2024).

Atividades como o artesanato é tida como ponto forte que contribui para o fortalecimento étnico, envolvendo ancestralidade e religiosidade em seus fazeres. O banho de rio (São Francisco), a participação nas festas religiosas, o cuidado com

os mais velhos (tidos como bibliotecas vivas), o ir às matas (Caatinga) pedir proteção é tido como elo que fortalece a identidade étnica do povo.

A gente sem a terra, sem a água, não tem como existir. Tanto o povo Truká, como qualquer outro povo indígena do país. Porque a nossa cultura, a nossa religião, o nosso ser, vem dos elementos terra, água, vento, sol, lua (Neguinho Truká, Cacique - área de retomada em entrevista 08/12/2023).

A terra é apontada nas entrevistas como um espaço que liga o passado e o presente, com relações vivas em memórias contínuas geracionais, considerada pelos mais velhos como um espaço de ciência (segredos do Povo), para os jovens significa o direito à liberdade dentro da Assunção, destacam. E a natureza é tida como um ser que dá sabedoria e conhecimentos para resolução dos enfrentamentos com os não-indígenas.

Nas medições de magnitude e densidade (Tabelas 03 e 04), as ordens ações coletivas, relações com a terra, pertencimento, tradições cultura e saberes ganham destaque representacionais com relevância, enquanto, visão de mundo e estratégias de mundo e visão religiosa aparecem com menos magnitude e grau de concentração.

Tabela 03: Magnitude = grandeza

Categorias	Magnitude ↑	Densidade	Categorias	Magnitude ↓	Densidade
Visão de mundo	60	0	Ações coletivas	201	0
Estratégias de luta	64	0	Relação com a terra	183	0
Visão religiosa	79	0	Pertencimento	151	0
Dinamicidade	83	0	Tradições	136	0
Resistência	98	0	Cultura	134	0
Saberes	115	0	Saberes	115	0
Cultura	134	0	Resistência	98	0
Tradições	136	0	Dinamicidade	83	0
Pertencimento	151	0	Visão religiosa	79	0

Relação com a terra	183	0	Estratégias de luta	64	0
Ações coletivas	201	0	Visão de mundo	60	0

Tabela 04: Densidade = grau de concentração

Categorias	Magnitude	Densidade ↑	Categorias	Magnitude	Densidade ↓
Visão religiosa	79	0	Visão religiosa	79	0
Tradições	136	0	Tradições	136	0
Relação com a terra	183	0	Relação com a terra	183	0
Saberes	115	0	Saberes	115	0
Pertencimento	151	0	Pertencimento	151	0
Visão de mundo	60	0	Visão de mundo	60	0
Resistência	98	0	Resistência	98	0
Cultura	134	0	Cultura	134	0
Ações coletivas	201	0	Ações coletivas	201	0
Dinamicidade	83	0	Dinamicidade	83	0
Estratégias de luta	64	0	Estratégias de luta	64	0

Antigamente, nós não tinha terra. Trabalhava de vazão dos outros, pagando 3 por 1. E depois que a gente entrou nessa luta, a gente ganhou e ficamos vitoriosos. O que era esse 3 por 1, seu Pedro? É a produção da terra, né? Porque a gente plantava a mandioca, e aí pegava a mandioca, ia pra casa de farinha, aí ia fazer a farinha pra nós viver (Pedro Alberto, Ancião Truká, aldeia Alto do Gavião em entrevista 12/08/2023)

Ao longo da pesquisa foi evidenciando por alguns entrevistados que o processo de globalização por meio do fortalecimento do desenvolvimento pautado no lucro e exploração do meio ambiente tem agredido o território, através do desmatamento para plantação de culturas agrícolas e as vezes a busca por melhoria financeira descontrolada. Alguns entendem que aprendizagens negativas de convívio e tratos a natureza, foram incorporadas a sociedade brasileira no processo de colonização precisam ser desconstruídas, repensando práticas, em

busca de uma sustentabilidade relacionando a isso, o desejo de projeto socioeconômicos e culturais responsáveis, portadores de qualidade de vida e abundância a todos.

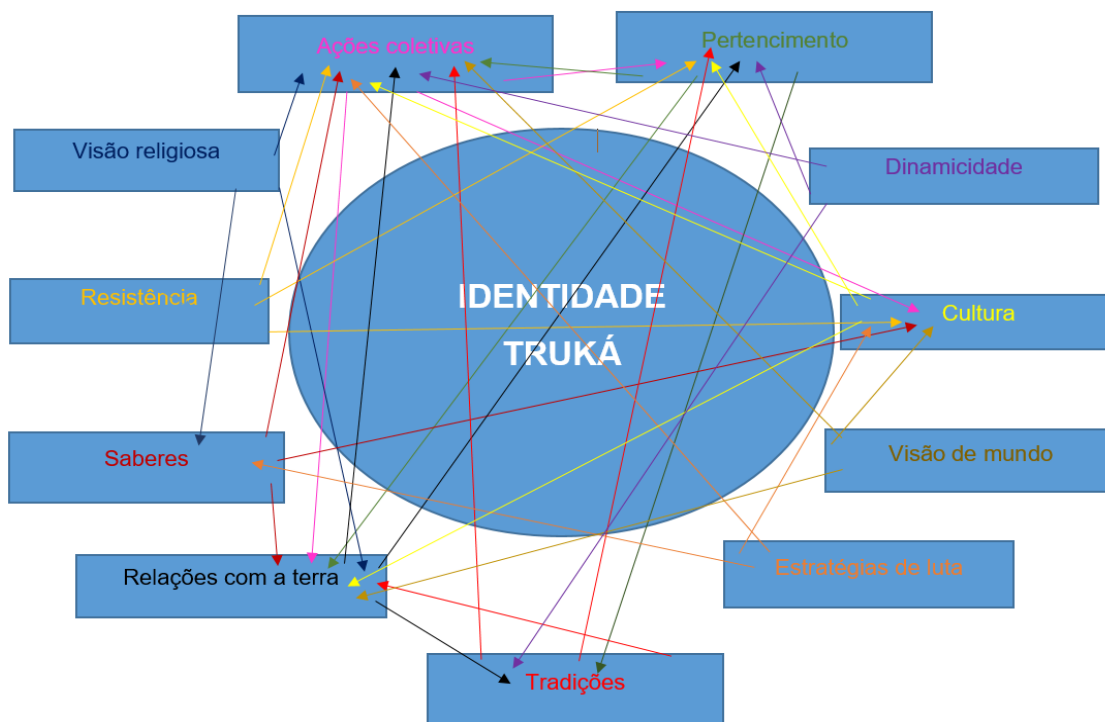
A experiência identitária Truká, segundo relato dos entrevistados, passou por muita dor e pobreza, antes das retomadas, por verem suas terras nas mãos dos não-índios, em uma das viagens para Brasília o indígena Dão de Quinca relata as dificuldades enfrentas.

Você, meu filho, você é o dono do Brasil e vocês, donos do Brasil, não tem condição de sair da sua aldeia duas pessoas para vir aqui, e ter que vir um sozinho, pois é, para a senhora ver (Dão de Quinca – Liderança Truká/Aldeia Ponta da Ilha em entrevista 13/01/2024).

Os movimentos de retomada são apontados como fundamentais para o amadurecimento na luta e pelos direitos garantidos em Lei, negados historicamente. Ildenildo Delfino professor e empreendedor agrícola da comunidade Truká, destaca que os indígenas estão cada vez mais fortes, pesquisando, descobrindo seus direitos, obedecendo seus deveres, buscando o que lhes pertence por direito e que por tais motivos, a luta estaria apenas começando. A identidade Truká se constitui de lutas visíveis e invisíveis, entrelaçadas de dinâmicas, tendo como referência as ações coletivas e de pertencimento e como base suas tradições, entrelaçadas por redes (Figura 03), que apresentam as conexões vivenciadas pelos Truká.

Em redes, as categorias e seus códigos, postos como aspectos da identidade Truká na contemporaneidade, compreendem a 15,4% de ações coletivas, 14% relações com a terra, 11,6% pertencimento, 10,5% tradições, 10,3% cultura, 8,8% saberes, 7,5% resistência, 6,4% Dinamicidade, 4,9% estratégias de luta, 6% visão religiosa e 4,6% de visão de mundo.

Figura 03: Códigos em Rede



Fonte: Os autores, 2024.

Refletindo acerca do reconhecimento de uma identidade, Taylor e Viveiros de Castro (2019) apontam que nas sociedades indígenas há uma sociabilidade intrínseca viabilizando relações de comunhão, experiências e aprendizagens complexas em suas definições.

Afirmando suas identidades, os sujeitos indígenas Truká lutam por seus direitos, pela manutenção de suas terras, e em alguns casos pela recuperação de suas terras, perdidas nos processos de invasão e colonização (Almeida, 2013). As novas necessidades abrem espaços para o surgimento de recreação de identidades, culturas e histórias, vindas com contato com outros grupos étnicos e sociais (Almeida, 2013; Taylor; Viveiros de Castro, 2019).

Considerações Finais

Cercados de estereótipos negativos e marcados pelo enfrentamento para proteção de seus espaços sagrados, os indígenas no Nordeste tiveram que lutar e lutam pela aceitação e respeito a uma identidade, que se encontra ligada ao

território e à natureza cosmológica ancestral. A afirmação identitária Truká na Ilha da Assunção rompeu com instrumentos velhos do olhar sobre o outro e se apegou à construção e à continuidade de um povo, de sua cultura e tradições.

A respeito das categorias identificadas, Ações coletivas, Cultura, Dinamicidade, Estratégias de Luta, Pertencimento, Relações com a Terra, Resistências, Saberes, Tradições, Visões de mundo e Visões religiosas, estabeleceram uma ligação que caracterizam a identidade Truká na contemporaneidade, estando a mesma construída e em construção.

Os resultados das entrevistas demonstram a ligação entre o passado e o presente, vividas e apresentadas nas memórias, no fazer e no ser Truká, sendo visíveis a emoção nos relatos dos mais velhos e demais membros, sobre os guerreiros e as guerreiras que tombaram na luta, assimétricos, presente nas falas a respeito da importância de preservação da Terra/território, das manifestações religiosas especificamente o toré e a manutenção das tradições no povo.

Com relação a frequência das palavras, foi evidenciado um contexto de necessidades coletivas para o fortalecimento das afirmações identitárias Truká, ameaçadas por invasões das fronteiras de lutas territoriais e culturais com os não-indígenas, ocorridos por muitas gerações ao longo dos séculos.

A escola Truká se apresenta como um espaço que contribui e resguarda a cultura, cuidadora do futuro e fortalecedora da identidade de crianças jovens e da comunidade, refletindo em sua função social a sustentabilidade e os aspectos da territorialidade.

A identidade com a terra evidencia o esforço Truká de garantir a sobrevivência político-social destacando as lutas visíveis e invisíveis, com dinâmicas voltadas ao pertencimento e vivências de sujeitos engajados e ativos como autores de suas relações e interesses.

A amplitude do tema identidade vai além das medições de frequências e entrevistas sendo necessário, mais estudos com relação à temática, abrindo oportunidades para novos trabalhos.

Agradecimentos

A convivência com os membros entrevistados no Povo Truká foi uma das melhores experiências realizadas, a oportunidade em não ser apenas uma

indígena, mas há uma pesquisadora em ação saindo de mim, entrando em contato com o fazer ciência (Acadêmica). Gratidão.

Referências

ALMEIDA, M. R. C. **Metamorfoses indígenas**: Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. 2 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ATHIAS, R. (Org.). **Povos Indígenas de Pernambuco: Identidade, diversidade e conflitos**. –Recife: Ed. Universitária da UFPE,2007. P. 242: il., tab.

BARBOZA, C. S.; SANTOS, C. A. B.; “Bem viver: Povo Truká e seu contexto de colonialidade na construção do novo modelo de vida.”, **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**. 2018. <https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/09/povotruka-modelo-vida.html> //hdl.handle.net/20.500.11763/cccss1809.Acesso em 26/12/2023.

BATISTA, M. R. R. **Construindo e Recebendo Heranças**: As Lideranças Truká – Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2005. V 1, 200f.

CARDOSO de OLIVEIRA, R. Os (DES)Caminhos da Identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 15 Nº 42. Fevereiro /2000.

CHARLES TAYLOR, H. E. Multiculturalisme: Différence et démocratie, 1994. In: **Hommes et Migrations**, nº1180, octobre 1994. Quêtes d'identités. pp. 53-54;

FLORÊNCIO R. R. Aspectos Culturais do Povo Truká de Assunção: Territorialidades Emergentes. **Revista Científica do UniRios** 2020.1. pp. 1- 71.

FLORÊNCIO, R. R.; ABIB, P. R. J. Os povos indígenas do Opará e a Educação Intercultural: uma etnografia crítica. **Revista Espaço Ameríndio** – UFRGS, ISSN 1982-6524, Volume 16, número 1, 2022.

GERLIC, S. (Ed.) **Índios na visão dos índios: Comunidade Truká**. Governo do Estado da Bahia. Salvador – BA. 2003.

HALL, S. "Cultural identity and diaspora" in). Rutherford (org.), **Jdentity: community, culture, difference**, London: Lawrence and Wishart, 1990, pp. 222-237.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pp.7-22

HOGAN, D. J. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. **Revista brasileira Estudo Populacional**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-338, jul./dez. 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie. **Word, Journal of the Linguistic Circle of New-York**, v.1, n.2, p.1-21, Aug. 1945.

OLIVEIRA, J. P. **Uma etnologia dos "índios misturados"?** Obstáculos e perspectivas. In: índios do nordeste temas e problemas (1998). <http://www.etnolinguistica.org/index:almeida-2002-indios>. Acesso: 18/mar./2023.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais - Universidade Federal de Brasília. Ed. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1976.

PEREIRA, A. L. S.; BARBOZA, A. C. F.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B.; Implicações das migrações no desenvolvimento econômico do povo indígena Truká. **Revista Intersaberes** ISSN: 1809-7286 Vol. 18 e023tl4017, 2023.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. (Org.) **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SANTOS, C. A. B. **Padrões de Caça, Pesca e uso de animais silvestres pela etnia Truká no semiárido brasileiro**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza – Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Recife: Gráfica da UFRPE, 2016.

SILVA, E. Expressões da cultura imaterial indígenas em Pernambuco. In: GUILLEN, I. C. M. (Org.). **Tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife, EDUFPE, 2008, p.215-230.

TAYLOR, A. C. e VIVEIRO DE CASTRO, E. Um corpo feito de olhares (Amazônia) **Revista de antropologia** (São Paulo, Online) | v. 60 n. 3: 769-818 | USP, 2019.

TRUKÁ. Organização das professoras Truká, OPIT. **No Reino da Assunção, reina Truká**. Belo Horizonte: FALE/ UFMG: SECAD/MEC, 2007.

DISCUSSÃO GERAL

O desenvolvimento de pesquisa relacionadas as sociedades indígenas e povos tradicionais contribuem para valorização destas culturas na contemporaneidade, visto que estes foram invisibilizados no processo de colonização desenvolvidos no XVI por nações europeias, onde o crescimento e avanços comerciais de uns resultaram para os indígenas o etnocídio, proibição de práticas culturais e experiências negativas. As violências foram camufladas, reproduzidas por vários autores ao longo dos séculos, reforçados na falta de materiais que falem sobre os mesmos dentro de suas próprias expectativas, construções e manifestações socioculturais.

Para realização deste trabalho a partir da entrada na base de dados em ciências humanas e sociais, optou-se por bancos de Acesso livre e gratuitos, com acesso a livros, teses, revistas, artigos e textos completos, no período de 2000 a 2022, que somados, contabilizaram 91. 658 trabalhos acessados (Quadro1).

No primeiro artigo (Artigo 1) intitulado, Reconstrução histórica Truká: Uma Revisão de Literatura, foram acessados os bancos de dados de teses da CAPES, LIVIVO, Science open.com e Google Scholar, no segundo (Artigo 2) intitulado, Gestão socioambiental e sustentabilidade territorial Truká: Dinâmicas socioculturais em evidência, o Google Acadêmico e no terceiro (Artigo 3) Truká: Identidade, Cultura e Resistência na Ilha de Assunção. Foram acessados os bancos da CAPES, Ibict, LIVIVO e Scielo. Como critérios de inclusão, foram incluídos trabalhos relevantes a temática estabelecida, sendo excluídos trabalhos desnecessários aos objetivos pré estabelecidos na construção de cada artigo, respeitando os objetivos específicos a cada um.

QUADRO 1: Trabalhos encontrados durante a pesquisa.

BANCOS DE DADOS	DE	“Territorialidade”	“Identidade indígena”	“Truká”
Artigo – 1				
CAPES		10.000	1.617	21
LIVIVO		614	198	18
Science open.com		2.141	1	15
Google Scholar		34.400	24.200	16.600
BANCOS DE DADOS	DE	Povo Truká	Gestão Ambiental Truká	Sustentabilidade Truká
Artigo - 2				
Google acadêmico		574	314	200
BANCOS DE DADOS	DE	“Truká”	“Identidade indígena”	“Indígenas no Nordeste”
Artigo - 3				
CAPES		20	160	21
Ibict		33	343	85
LIVIVO		17	35	6
Scielo		4	18	3
Total:		91.658		

Fonte: Autores, 2024.

A literatura destaca que durante muito tempo, toda a cultura indígena conhecida, seja na literatura, livros didáticos ou sobre a “História do Brasil”, foi escrita por “brancos” não Índios, sendo um possível fator pelo qual, ainda nos dias de hoje, ocorrem tantos estereótipos sobre os indígenas brasileiros suas vivências e diversidades; Ao longo dos anos a luta dos indígenas pelo fortalecimento, de sua identidade na escrita vem crescendo, estando estes cada vez mais empoderados em escrever suas próprias histórias, rituais e estilos de vida (Nascimento, 2012).

Maher(2012) acredita que a contemporaneidade traz à tona a construção de um sujeito indígena pós-moderno, ressignificado, assumindo controle de suas ações, formando novas possibilidades nos diversos campos científicos e literários em geral, isso ocorreria mediante transformações impostas por fatores advindos de movimentações políticos, sociais, culturais e econômicos, implicantes do contato com o outro (o não –indígena), diferente de um sujeito sociológico, sem autonomia,

“vazio”, preenchidos por estruturas prontas (Maher,2012).

Oliveira (2011), estabelece a resistência originária como base para o respeito a terra e a mãe natureza e que as dinâmicas de resistência destes povos, tem se dado em organização político-sociais que envolve colaboração e coletividade entre as étnias existentes no Brasil e em várias partes do mundo, devido ao auxílio de novas formas de comunicações nos dias atuais (Oliveira, 2011).

Nos aspectos sociais de territorialidade, compreende-se as múltiplas composições realizadas pelos indígenas para terem seus territórios protegidos, no Nordeste as lutas a este respeito atravessam gerações e nas tradições, configurações internas se fortalecem, articulando políticas e corridas em movimentos articulados em rede e fé ancestral, marcado pela pisada do pé e balanço do maracá. Na luta pela terra os vários povos, criaram suas organizações sociais de forma que está sirva aos objetivos destas sociedades, evitando no presente perdas territoriais que já acontecerem em um passado não tão distante, marcado nas memórias na relação com a terra (Figura 1) e nos trabalhos de fortalecimento culturais e manifestações desenvolvidas nos espaços escolares por professores e seus conselhos e comissões, a exemplo da COPIPE (Comissão de Professores indígenas em Pernambuco), formada por representantes de todos os povos em Pernambuco, comunidades com seus concelhos de lideranças, conselhos anciões, Organizações de jovens, entre outros e o conselhos de caciques (atualmente Assembléias), dentro das especificidades de cada Povo e território (Truká, 2007; Oliveira, 2011; Florêncio e Santos, 2018).

Figura 1- Nuvem de palavras criada com base na relação terra- territorialidade indígena.



Fonte: Autores, 2024.

Um dos gatilhos para o desenvolvimento da territorialidade defendido por Little (2002) no caso dos povos indígenas no Nordeste surgiu a partir do processo de territorialização, onde no contexto de colonização e pós-colonização estes seriam colocados em territórios físicos demarcados e em outro momento e outro espaço de tempo teria se recolocado (Mamédio et al, 2019). Maldí (1989), diz que territorialidade indígena no século XIX nasceu das criações sociais ocidentais, ignorando as manifestações e as relações existentes (Maldi, 1998), e que compreender a formulação e os conceitos envolvidos no olhar sobre o outro, é necessário para que as representações a respeito dos universos multiculturais postos se sobre saiam, justificando assim a importância da discussão com base na territorialidade e seus autores.

Neste sentido Little (2002) aponta que, as múltiplas sociedades indígenas, manifestam formas próprias de inter-relacionamento com seus respectivos ambientes geográficos, formando um dos núcleos mais importantes dessa diversidade, enquanto as centenas de remanescentes das comunidades dos quilombos, espalhadas por todo o território nacional, formam outro” (Little, 2002), sendo a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” (Little, 2002).

Silva (2018), destaca que pesquisas mais recentes vêm descobrindo a complexidade e a especificidade dos povos indígenas, seus projetos políticos, as

relações decorrentes com a Colonização, as estratégias da resistência indígena, as relações de negociações e conflitos ao longo da história (Silva, 2018). E a chamada presença indígena muito incomodou, e incomoda a sociedade desde a colônia até a contemporaneidade (Xavier, 2018).

Citando Barth (2000), Oliveira, Florêncio e Santos(2018) destacam que a concepção de territorialidade, reflete sobre as formas de apropriação dos ambientes as noções de pertencimento e de afirmação identitárias e que embora esses povos tenham contato com outros as fronteiras permanecem (Florêncio e Santos, 2018)

A reconquista territorial Truká se deu por intermédio da organização interna com base em retomadas (movimento /organização, acampamento e coletivos de indígenas em um mesmo lugar, com o objetivo de reaver, reconquistar terras perdidas por invasões de “brancos”, e/ou alienações diversas); A literatura aponta que a preparação para estas ações no Povo Truká (Aldeia Mãe) foram necessárias cinco retomadas, para isso o fortalecimento étnico passou por muitas trilhas, com reuniões as escondidas, viagens a outros povos, viagens ao Rio de Janeiro (Capital do país na época do SPI- Serviço de Proteção ao Índio), e a persistência da força ancestral no poder do encantado (Seres que fazem parte da cosmologia indígena) que contribuíram com ensinamentos para que a luta pela terra (Quadro 2), acontecesse de maneira correta.

Quadro 2: Retomadas Truká principais movimentações, desafios e conquistas.

Retomadas/Datas	Objetivos	Principais movimentações	Desafios	Conquistas
1ª Retomada – 1981. 1ª- Fase	“Começamos a nos reorganizar para conquistar nosso território, nos relatos dos mais velhos” (Truká, 2007)	’ Alguns foram morar em ilhotas, outros na periferia da cidade e alguns permaneceram trabalhando como meeiros empregados dos posseiros (Truká,2007p.35).	“Não se identificavam como índios e tinham que fazer os rituais em lugares e de difícil acesso” (Truká,2007).	“Retomamos 2 lotes (14ha) da SEMEMPE” (Truká,2007).

2ª – Fase 1982 – Bomba 1.	“Ação mais direta” (Truká,2007).	“Ameaças de funcionários da SEMEMPE - Companhia de Sementes e Mudanças de Pernambuco” (Truká,2007).	“Morte de Antônio Bingo, em conflito no cemitério” (Truká, 2007)	Retomada de 70 hectares de terra.
3ª-Fase – 1984.	Identificação dos limites da área indígena.	Comissão para fazer os estudos de identificação dos limites da área.	Delimitação de 1.650 há, sendo os indígenas só ocupavam menos de 600 há.	Conquista de 350 hectares, com mais 150 nas proximidades do Posto Indígena (PIN-Truká).
2ª Retomada – 1994	“Retomar as terras de Xinxá da cebola”.	“Houve grande participação da comunidade, filhos e netos dos primeiros líderes”.	“Ameaças por parte do fazendeiro”, Apolinário Siqueira; Terras insuficientes para os indígenas participantes.	Conquista de 650 hectares de terra, durou 90 dias.
3ª Retomada – 1995	Retomar as terras da aldeia Caatinga grande.	Viajem a Campina Grande-PB, à procura da Antropóloga que participou da identificação da terra tradicional Truká.	Encontrar a documentação que reconhecia a Ilha da Assunção como território indígena.	Conquista de 565 Hectares de terra.
4ª Retomada - 1999	Finalizar a retomada do território que ainda estava nas mãos dos não-indígenas.	Trezentas famílias levantaram acampamento na cabeça da ponte, área que liga a ilha a cidade de Cabrobó.	“Muitas vezes fomos surpreendidos com helicópteros sobrevoando nossas cabeças” (TRUKÁ,2007) Criminalização de lideranças.	“Retomou nossa Mãe terra que se encontra hoje em nossas mãos”

Autores, 2024

Segundo Truká (2007), até mesmo o governo do Estado na década de 60 invadiu e ocupou suas terras, como as firmas CRC- Companhia de Revenda e Colonização e a SEMEMPE- Companhia de Sementes e Mudanças de Pernambuco, a

partir dos enfrentamentos com os indígenas nas décadas posteriores as empresas foram abandonadas.

E mais uma vez, foi necessário forças, trabalhar com os Encantados e a geração dos filhos, filhas, netos e netas se uniram aos anciãos e desencadearam o processo de luta que resultou na reconquista de todo o nosso território (TRUKÁ, 2007, p. 30).

A luta em defesa do território Truká perpassa o viés históricos e encontra laços que envolve a religião e a natureza, o cuidado com o rio permeia este contexto, grandes projetos desenvolvimentistas do território brasileiro tem colocado os Truká em combate uma vez que tendem a ameaçar a vida do São Francisco.

Batista (2005), destaca em suas leituras a importância de líderes nas lutas estabelecidas, Acilon partiu então para a construção de uma identidade coletiva, que apoiando-se em elementos retirados do campo ritual (mágico-religioso), criou significados no campo das relações de dominação política. Encontramos na explicação padrão que aquele que se torna possuidor da luz, emerge como possuidor de autoridade legítima (Batista, 2005).

As “guerras contra a invisibilidade” se fortalece na emergência de várias étnias no Nordeste, com base na reivindicação de seus direitos e principalmente do território visto como espaço sagrado, iniciando as Retomadas das terras perdidas nos embates ao longo do tempo (Oliveira, 2011), necessárias a suas vivências religiosas, culturais, sociais, econômicas e políticas, aguerridos de suas ancestralidades e o bem comum (Truká, 2007).

A luta indígena é um fenômeno mundial pela autodeterminação, ocorrido final da década de 80 (Pádua, 2008), que aponta uma relação inteiramente nova entre povos indígenas, a sociedade nacional e o sistema internacional, dando mostras do envolvimento ativo e cativo no campo interétnico, no sentido de controlar as forças da transformação histórica, surgindo novas dinâmica, envolvendo tentativas, conscientes e organizadas, de reavivar ou perpetuar aspectos de sua cultura, apresentando assim, modos variados de marcar e auto definir suas identidades (Pádua, 2008).

A reconquista territorial trouxe com sigilo, a necessidade de manifestações (políticas, religiosas dentro das cosmologias indígenas) agregadoras de cuidados a estes espaços e sua gestão, uma vez que manter a terra tem sido um dos

objetivos principais nos Povos, dependendo deste cuidado as gerações seguintes. Reflexões acerca da convivência com o ambiente têm sido de grande importância para a sociedade global, certos que vivemos em um sistema de interdependência. Segundo Gomes (2014), alguns tratos socioculturais inadequados, ou seja, técnicas fragilizadas são responsáveis pelo aumento de problemas ambientais e sociais, podendo ocasionar o aceleramento da desertificação, o assoreamento dos rios e a insegurança alimentar.

No campo político-religioso Carvalho (2018) aponta que o ritual (Toré) denota um aspecto comunicativo dos comportamentos culturalmente definidos, servindo como reafirmador dos diferentes status da estrutura de relações sociais, lembrando e reassegurando a posição de cada membro em relação aos outros e ao sistema maior, invocam poder e pertence, salientando que ao realizarem o Toré, ou o Praia, os povos indígenas no Nordeste tentam alterar o estado do mundo, interagindo com — o tempo dos antigos — buscando reassegurá-lo mediante a efetiva posse do território, os rituais, expressam assim, o sentido pleno da “ comunidade indígena” que produz e se reproduz na mesma terra dos antepassados e reafirmam a sua disposição de lutar pela sua preservação, gestão para subsistência ou retomada, com coragem e empenho, dos “ antigos” .

Tais tradições são passadas pelos mais velhos e os cuidadores da ciência os “ mestres”, neste cenário a terra se configura com espaço dinâmico e fundamental para o uso, tradições e costumes destes povos (Carvalho 2018), muitas vezes até perdidas nos processos migratórios forçados ao longo do tempo.

A pesquisa aponta que mesmo com as mobilizações de indígenas, ribeirinhos e outras organizações, os projetos de impacto negativo as populações vêm sendo efetivados, envolvendo conflitos e situações provocando danos irreparáveis para os envolvidos. Por outro lado, sendo importante destacar a ação de pesquisas e colaboração antropológica e afins, contribuindo com as mobilizações indígenas, na proteção e preservação destes ambientes (Scott, 2020).

Para Sachs (2002), os movimentos sociais como um todo, possibilitam espaços políticos para o surgimento de condições ecológicas alicerçando um desenvolvimento sustentável dos povos habitando o planeta, uma vez que cada espaço demanda uma necessidade específica para a consolidação. E dessa forma,

Pensar o desenvolvimento humano levando em conta suas implicações para o domínio do “meio ambiente” acarreta a necessidade da interdisciplinaridade (Floriani, 2009, p. 196).

Os povos indígenas têm sido protagonistas em ações da gestão socioambiental nos seus territórios. Dentro os ideais territoriais e convivência com a Natureza, buscam soluções para as problemáticas existentes, os aparatos que os cercam são apreendidos e aperfeiçoados, em décadas de mobilizações pela proteção da chamada “mãe Natureza”. E essas aprendizagens são socializadas e fortalecidas de geração em geração (Araújo, 2013; Juruna, 2013).

As dinâmicas socioculturais Truká ensaiam seus desafios, cercados pelas águas do Rio São Francisco, no Arquipélago de Assunção, têm uma conexão com a Natureza, participando em ações que envolvem mobilizações pela vida do/no rio e com isso garantia da identidade. Entre essas mobilizações está a resistência aos projetos de construção de barragens, como no caso de Riacho Seco, os problemas provocados com a operação da Barragem de Sobradinho e a construção do Eixo Norte do Canal da Transposição do Rio São Francisco (Souza, 2020; França, 2020).

Os Trukás são produtores de boa parte dos alimentos consumidos (arroz, verduras, frutas, raízes) contribuindo para a economia local e para o Estado de Pernambuco. Detentores de uma base agrícola forte, baseada nos conhecimentos dos ancestrais, também coletam/caçam vegetais e animais silvestres, pescam e criam animais para a alimentação. As moradias são construídas em alvenaria. As casas de barro vêm sendo substituídas aos poucos, com base em projetos envolvendo práticas e políticas de saúde, para o controle de endemias, sob orientação da Secretaria de Saúde Indígena – SESAI (Truká, 2007).

Em seus estudos Barboza e Santos (2018), destacam o Povo necessita de enfrentar seus desafios abrindo pauta a um bem viver exigindo de cada pessoa um compromisso com os valores que justificam o pertencimento àquela coletividade e, ao mesmo tempo, o abandono dos “valores” adquiridos do colonizador (Barboza e Santos, 2018). Esses novos contextos aos quais os indígenas Truká necessitam se ajustar propiciam novos instrumentos sociais para reagir às adversidades e vivenciar o sentido de territorialidade e identidade (Pereira et al, 2023).

O livro no reino da Assunção reina Truká, estabelece que as professoras além de ensinar os conteúdos da escola e pesquisarem suas histórias também formam guerreiros e guerreiras, para uma educação de qualidade, com princípios próprios, sendo todo o corpo escolar indígena (Truká, 2007). Em reforço Orço e Fleuri (2010) destacam, que é necessário pensar para os povos indígenas é uma educação comunitária, intercultural, bilíngue e específica para cada povo, de modo a que os índios sejam muito mais do que são, sem deixar de ser índios (Orço e Fleuri, 2010).

Os Povos indígenas tem na luta pela terra e sua proteção um marco na construção de suas relações identitárias, onde a territorialidade aponta-se no desenvolvimento e nas vivências territoriais. Os aspectos sociais de territorialidade Truká se estabelece pelos enfrentamentos coletivos e individuais, refletem e se manifestam socialmente de forma mútua. Amorim(2003) diz que, os povos ressurgidos, referindo-se aos movimentos de luta pela reconquista da terra(retomada), e por estarem distante de seus descendentes (no tempo e nas relações intergrupais) carecem da terra para resgatar e praticar seus rituais; criam vínculos; entretanto, as relações reiniciadas a partir do ressurgimento, estreitam cada vez mais os laços culturais e tradicionais desses povos que, pouco a pouco, reconstroem seu universo cultural e ritualístico (Amorim, 2003).

A Análise de Conteúdo (natureza temática) aponta contribuições aos debates estabelecidos, evidencia que a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus territórios, permeiam as vivências Truká nas experiências coletivas e com ligações de proximidade entre a sua ancestralidade e as construções identitárias contemporâneas a construção e análise da nuvem de palavras, interage, bem como a análise do corpus apresenta as categorias: Ações Coletivas, Cultura, Dinamicidade, Estratégias de lutas, Pertencimento, Relações com a terra, Resistência, Saberes, Tradições, Visão de mundo, e Visão Religiosa, mapeando a compreensões da identidade Truká, reafirmada através da análise da frequência de palavras, gerenciamento de códigos e documentações, assim, a palavra ser indígena ou originário é tido como motivo de orgulho para os povos, e incentivo a essa afirmação identitária que passou por momentos delicados, segundo as entrevistas realizadas, tendo em vista as invasões territoriais e as políticas que tinham como objetivo a “integração” do indígena a sociedade nacional,

menosprezando as identidade próprias dos povos, a terra era o desejo dos senhores fazendeiros, afirmam as lideranças Truká (Silva, 2018).

As entrevistas, categorias e códigos apresentam a ilha de Assunção como local sagrado para os Truká, pela relação cosmológica, a memória, pertencimento e também pela relação de produção de alimentos para o povo, significando a construção e reconstrução dessa identidade entorno de embates sociopolíticos e territoriais, a coletividade é colocada nas ações que envolve a permanência na terra (Florêncio, 2020).

Segundo Pereira et al (2023) a identidade Truká se constitui de lutas visíveis e invisíveis, entrelaçadas em dinâmicas, que tem como referência as ações coletivas e de pertencimento e como base suas tradições, entrelaçadas por redes, que apresentam as conexões vivenciadas entre si. Em redes, as categorias e seus códigos, postos como aspectos da identidade Truká na contemporaneidade, compreendem a 15,4% de ações coletivas, 14% relações com a terra, 11,6% pertencimento, 10,5% tradições, 10,3% cultura, 8,8% saberes, 7,5% resistência, 6,4% Dinamicidade, 4,9% estratégias de luta, 6% visão religiosa e 4,6% de visão de mundo. Refletindo acerca do reconhecimento de uma identidade, Taylor e Viveiros de Castro (2019) apontam que nas sociedades indígenas há uma sociabilidade intrínseca viabilizando relações de comunhão, experiências e aprendizagens complexas em suas definições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Truká, assim com os diversos povos indígenas no Brasil, tem se destacado no cuidado e preservação do ambiente, utilizando-se de várias estratégias que envolve fortalecimento identitário, cultural, territorialidade e gestão socioambiental, empregados na convivência com a Natureza e respeito mútuo.

Referente a compreender os movimentos marcaram o sentido de pertencimento ao território da Assunção verificou-se que as retomadas Truká se apresentam como uma estratégia político-social, associando a necessidade de recuperar o território a emergência dos cuidados à cultura, a identidade e a vivência dentro de seus espaços-memórias, estando a aldeia Mãe como morada sagrada do encantado e da ciência do povo, destacando assim os laços com o Rio São Francisco, responsável pela alimentação físico-corporal e religiosa dentre as crenças Truká.

Dentre os aspectos sociais de territorialidade, foi possível perceber que as manifestações e expressões socioculturais, estão contidas na construção de mecanismos de organização internas para defesa e proteção do território, a exemplo dos Conselhos de lideranças, Conselho de anciões, Organização de professores indígenas Truká (OPIT), Organização de jovens indígenas Truká (OJIT), nas manifestações religiosas o Toré, utilizadas para gestão territorial no pós retomadas, bem como para gestão ambiental.

Sobre a relação dos Truká com a terra após a reconquista de seus territórios (retomadas) notou-se que a reocupação dos territórios foram tem sido de grande importância para sobrevivência sociocultural, econômica e religiosa do povo uma vez que a Ilha de Assunção é tida como um espaço que guarda o contato com o sagrado e as memórias de seus antepassados, onde muitos tombaram(morreram) para que a conquista acontecesse.

É necessário mencionar que o espaço Truká, foi explorado com áreas agrícolas voltadas a monocultura(quando o território estava na mão dos não-indígenas), o que ocasionou grandes prejuízos a terra evidenciando a salinização, o desmatamento de grande parte da caatinga, além da extinção de animais da cultura local utilizados para sobrevivência dos originários antes das invasões, neste cenário eles encontram a caça e a pesca não mais em abundância, más ainda se

permite diversificar a alimentação e manter as relações homem-natureza, que lhes é própria, executando seus trabalhos manuais, artesanato e utensílios de trabalho, de caça e pesca, estabelecendo garantia da segurança alimentar e até mesmo a sua sustentabilidade econômica.

A territorialidade e identidade do Povo Truká é marcada pelo respeito à terra como parte da Natureza, e aos encantos que nela vive; A educação Truká, tem sido essencial para continuidade da luta para gestão do território, ocorrendo em diversos espaços, e todos os indígenas são responsáveis por essa construção, estando na escola, em casa, ou no Toré (ritual religioso). A escola apresentasse atuante e participativa na luta e sociedade Truká, se reelaborando e buscando evidenciar práticas que fortaleçam os ideais do povo, apontando em seus currículos pautas identitárias e desenvolvimento social com responsabilidade ao meio, fortalecendo assim o sentimento identitário, resguardado para as futuras gerações.

A ligação entre o passado e o presente, são vividos e apresentadas nas memórias, no fazer e no ser Truká, sendo visível a emoção nos relatos dos mais velhos e demais membros, sobre os guerreiros e as guerreiras que tomaram na luta, presente nas falas a respeito da importância de preservação da Terra/território, das manifestações religiosas especificamente o toré e a manutenção das tradições no povo.

As categorias identificadas Ações coletivas, Cultura, Dinamicidade, Estratégias de Luta, Pertencimento, Relações com a Terra, Resistências, Saberes, Tradições, Visões de mundo e Visões religiosas, estabeleceram uma ligação que caracterizam a identidade Truká na contemporaneidade, estando as mesmas construídas e em construção, tendo como base as dinâmicas culturais presentes nos Truká e sua organização territorial.

Como um espaço que contribui e resguarda a cultura em conjunto com os mais velhos e outras organizações internas do povo a escola é cuidadora e fortalecedora do futuro e da identidade de crianças jovens e da comunidade, refletindo em sua função social a sustentabilidade e os aspectos da territorialidade.

A identidade com a terra evidencia o esforço Truká de garantir a sobrevivência político-social destacando as lutas, as dinâmicas voltadas ao pertencimento e vivências de sujeitos engajados e ativos como autores de suas relações e interesses. A afirmação identitária Truká na Ilha da Assunção rompeu

com instrumentos velhos do olhar sobre o outro e se apegou à construção e à continuidade de um povo, de sua cultura, suas tradições.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, R. R. N. **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. New York: Springer, 2014.

ALMEIDA, A. W. B. **Terras tradicionalmente ocupadas, processos de territorialização e movimentos sociais**. R. B. Estudos Urbanos e Regionais. V. 6, n° 1 – Maio 2004.

AMORIM, S. S. Notas Etnográficas: A construção da autoimagem de povos indígenas ressurgidos os Tumbalalá os Kalankó e os Karuazu, Kóiu Panamá e Catókin. **Revista STUDIUM 13**. Jaraguá, Maceió, abril de 2003.

ARAÚJO, R. C. **Educação Escolar Indígena Intercultural e a sustentabilidade territorial: uma abordagem histórica sobre as Escolas Indígenas Capitão Francisco Rodelas e Pataxó Coroa Vermelha**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia. Salvador. 2013. 140 f.

BARBOZA, C. S.; SANTOS, C. A. B.; “Bem viver: Povo Truká e seu contexto de colonialidade na construção do novo modelo de vida.”, **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**. 2018.

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/09/povotruka-modelo-vida.html>
[//hdl.handle.net/20.500.11763/ccc1809](https://hdl.handle.net/20.500.11763/ccc1809). Acesso em 26/12/2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Ed. 70, 2016.

BATISTA, M. R. R. **Construindo e Recebendo Heranças: As Lideranças Truká** – Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2005. V 1, 200f.

CUNHA, M.C. da(Org.). **História dos índios no Brasil** – Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

De CARVALHO, M. R. G. “**A Identidade Dos Povos Do Nordeste**”. *Anuário Antropológico* 7 (1):169-88.
<https://www.periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6242>. 2018.

DIMAS FLORIANI. Educação ambiental e epistemologia: conhecimento e prática de fronteira ou uma disciplina a mais? **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 4, n. 2, p. 191-202, 2009.

FLORÊNCIO R. R. Aspectos Culturais do Povo Truká de Assunção: Territorialidades Emergentes. **Revista Científica do UniRios** 2020.1. pp. 1- 71.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio (Org.). **Nossas vozes indígenas: professoras e professores Truká**/1. ed. Petrolina, PE: Oxente, 2021.122 p: il.

GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HALL, S. "Cultural identity and diaspora" in). Rutherford (org.), **Jdentity: community, culture, difference**, London: Lawrence and Wishart, 1990, pp. 222-237.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pp.7-22

<https://censo2022.ibge.gov.br/> Acesso em 13/04/2024.

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Transposi%C3%A7%C3%A3o_do_rio_S%C3%A3o_Francisco.

HUNTINGTON, H. P. Using Traditional Ecological Knowledge in Science: Methods and Applications. **Ecological Applications**, v. 10, n. 5, p. 1270-1274, 2000.

JURUMA, S. R de C. **Sabedoria ancestral em movimento: perspectiva para a Sustentabilidade**. Brasília-DF, 2013. 85p. il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. L'analyse structurale en linguistique et em anthropologie. **Word, Journal of the Linguistic Circle of New-York**, v.1, n.2, p.1-21, Aug. 1945.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da territorialidade**. Anuário Antropológico 2002/ 2003. Rio de Janeiro- Tempo Brasileiro. 2004: p. 251 – 290.

MAHER, T. M. "Índio para estrangeiro ver: Panetnicidade em contexto Multicultural Indígena. **Revista Língua & Literatura** | FW | v. 14 | n. 23 | p. 1-223 | Dez. 2012.

MALDI, D. A questão da territorialidade na etnologia Brasileira. **Sociedade e cultura**, 1(1): 1-17, Jan/Jun. 1998.

MAMÉDIO, D.; MENDEZ, J. M. D.; ALMEIDA, R. de; SANTANA, S. B. de; Processo de (des)territorialidade em uma comunidade rural na Bahia. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 22, n. 1, p. 67-82, jan./mar. 2021.

MEDEIROS, Bartolomeu Figueroa de, **Negros, índios e mestiços identidades cruzados em territórios negros**; In: Povos indígenas de Pernambuco: identidade, diversidade e conflito /org. Renato Athias. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. 242 p.:il.,tab.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MONTEIRO, John Manuel. 1995 “**O desafio da história indígena no Brasil**”. Em:

NASCIMENTO, M. B. **Desafios e conquistas de escritores indígenas: Da passagem da oralidade às tradições culturais escritas** – 32f - 2014

OLIVEIRA, J. P. de (org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 714pp. 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “**Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**”. Em: Mana: estudos de antropologia social,4/1, PPGAS/MN/UFRJ. 1998

ORÇO, C. L.; FLEURI, R. M.; O processo educativo: cultura e identidade indígenas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 2, Passo Fundo, p. 335-347, jul./dez. 2010.

PÁDUA, K. C. **Movimentos identitários, educação e povos indígenas: Novos desafios para a Antropologia da Educação**. Cadernos de estudos sociais. Recife, V. 24. Nº 251- 260. Ju/dez – 2008

PEREIRA, A. L. S.; BARBOZA, A. C. F.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B.; Implicações das migrações no desenvolvimento econômico do povo indígena Truká. **Revista Intersaberes** ISSN: 1809-7286 Vol. 18 e023tl4017, 2023.

SACHS. I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. STROH. P. y. (ORG). Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, C. A. B. **Padrões de Caça, Pesca e uso de animais silvestres pela etnia Truká no semiárido brasileiro**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: Gráfica da UFRPE, 2016.

SANTOS, C. A. B., SILVA, E. H. O., EDIVÂNIA, G. S., **História ambiental, história indígena e relações socioambientais no Semiárido Brasileiro**. Paulo Afonso:SABEH, 2018. 274p.;il.

SANTOS, C. **Território e Territorialidade**. Revista Zona de impacto. Vol. 12 Jul./Dez. Ano XI, 2009.

SAQUET, M. A., BRISKIEVICZ, M. **Territorialidade e identidade: Um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, nº 31, Vol. 1, 2009.

SILVA, Aracy L. da & GRUPIONE, L.D.B. (org.) A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º 2º graus. Brasília, MEC/MARI/UNESCO.

SILVA, E. **Ensino e sociodiversidade indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008**. In: Práticas Pedagógicas em sala de aula. Recife: EDUFPE, 2015.

SILVA, E. Expressões da cultura imaterial indígenas em Pernambuco. In: GUILLEN, I. C. M. (Org.). **Tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife, EDUFPE, 2008, p.215-230.

TAYLOR, A. C. e VIVEIRO DE CASTRO, E. Um corpo feito de olhares (Amazônia) **Revista de antropologia** (São Paulo, Online) | v. 60 n. 3: 769-818 | USP, 2019.

TRUKÁ. Organização das professoras Truká, OPIT. **No Reino da Assunção, reina Truká**. Organização das professoras Truká, OPIT. Belo Horizonte: FALE/UFMG: SECAD/MEC.

XAVIER, M. O. **Extintos no discurso oficial, vivos no cenário social** [livro eletrônico]: os índios do Ceará no período do império do Brasil - trabalho, terras e identidades indígenas em questão - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. 2.816KB: il.; 21 cm. (Coleção Humanidades).